



Intervir na Cidade Monumental

PROCURAR NA HISTÓRIA UMA IMAGEM PARA O FUTURO

Rui Pedro Morais Justo | LICENCIADO

PROJECTO PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO URBANÍSTICA

ORIENTADOR CIENTIFICO
PROFESSOR DOUTOR CARLOS DIAS COELHO

JÚRI
PRESIDENTE: DOUTORA SOFIA MORGADO
VOGAL: DOUTORA MARTA SEQUEIRA
VOGAL E ORIENTADOR: DOUTOR CARLOS DIAS COELHO

Lisboa | FAUTL | NOVEMBRO 2010



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

INTERVIR NA CIDADE MONUMENTAL

PROCURAR NA HISTÓRIA UMA IMAGEM PARA O FUTURO

Rui Pedro Morais Justo | LICENCIADO

**PROJECTO PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE MESTRE EM
ARQUITECTURA ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO URBANÍSTICA**

ORIENTADOR CIENTIFICO
PROFESSOR DOUTOR CARLOS DIAS COELHO

JÚRI
PRESIDENTE: DOUTORA SOFIA MORGADO
VOGAL: DOUTORA MARTA SEQUEIRA
VOGAL E ORIENTADOR: DOUTOR CARLOS DIAS COELHO

Lisboa | FAUTL | NOVEMBRO 2010



Título do Projecto: Intervir na Cidade Monumental: Procurar na história uma imagem para o futuro

Nome do Aluno: Rui Pedro Morais Justo

Orientador Científico: Professor Doutor Carlos Dias Coelho

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitectura: Especialização Gestão Urbanística

Data: Lisboa, FAUTL, Novembro, 2010

RESUMO

Este trabalho procura contribuir para a compreensão do papel das áreas de alto valor patrimonial no desenvolvimento da cidade europeia, tanto do ponto de vista da evolução constatada e dos seus efeitos, como da desejada e das suas expectativas. O estudo pretende assim, num primeiro momento, procurar a definição de área monumental através da análise de um conjunto de cidades diferenciadas e singulares, fazendo a ponte para a realidade particular da cidade de Lisboa, cujas características urbanas e proximidade física, levaram a que esta fosse a base para o estudo em concreto, tornando-se necessário compreender a sua evolução no espaço e no tempo. Para o efeito, e como forma de aprofundar a problemática em questão, escolheu-se uma das áreas monumentais da cidade de Lisboa, enquadrada entre a Torre de Belém, Alcântara, a zona ribeirinha e o Palácio da Ajuda, sobre a qual se desenvolveu um processo de transformação urbana suportada pela ideia de afirmação do valor monumental, tendo presente a história e as características do sítio. A transformação urbana compreende um desenvolvimento a diferentes escalas, que vai desde a intervenção no território ao detalhe do objecto arquitectónico. Todo este percurso permitiu concluir que uma área monumental se assume como um espaço de impacto, visual, funcional e social que se distingue do resto da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Monumento, monumento histórico, monumentalidade, área monumental, património



Project title: **Intervening in the Monumental City:** Find an image in history for the future

Student's Name/Surname: Rui Pedro Morais Justo

Advisor: Doctor Carlos Dias Coelho

MSc: Architecture with specialization in Urban Management

Date: Lisbon, FAUTL, November, 2010

ABSTRACT

This paper seeks a contribution for the understanding of the role of areas with high patrimonial values in the city's development, both from the standpoint of evolution and its observed effects, as the desired evolution and its expectations. Firstly, the study is intended to look up the definition of monumental area by analyzing a set of different cities, making a link for the particular case of Lisbon, whose urban characteristics and physical proximity led to the city as the basis for this particular study, making it necessary to understand its evolution in space and time. In this way, and as a form to deepen the subject in question, it was chosen a monumental area of Lisbon, framed between the Torre de Belém, Alcântara, the waterfront and the Ajuda Palace, which was developed on a philosophy of urban transformation supporting the idea of affirmation of the monumental value, bearing in mind the history and characteristics of the site. The transformation includes an urban development at different scales, ranging from the urban intervention until the detail of the architectural object. This whole sequence has concluded that a monumental area stands out as an area of visual, functional and social impact, distinct from the rest of the city.

KEY-WORDS

Monument, historic monument, monumental, monumental area, heritage

RESUMO	I
ABSTRACT	II
ÍNDICE	III
ÍNDICE DE FIGURAS	V
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	1
1.2 O TEMA.....	1
1.3 ENQUADRAMENTO DO TEMA.....	1
1.4 JUSTIFICAÇÃO DO TEMA.....	2
1.5 OBJECTIVOS DO TRABALHO.....	2
1.6 METODOLOGIA.....	3
1.7 DELIMITAÇÃO DA ÁREA DO CASO DE ESTUDO.....	4
1.8 ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO.....	5
2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
2.1 INTRODUÇÃO.....	6
2.2 MONUMENTO.....	6
2.3 MONUMENTALIDADE.....	8
2.4 ÁREA MONUMENTAL.....	10
3 ÁREA MONUMENTAL AJUDA-BELÉM	14
3.1 INTRODUÇÃO.....	14
3.2 ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA.....	14
3.3 ENQUADRAMENTO NO CONTEXTO DE LISBOA.....	15
3.4 CONFIGURAÇÃO DA SUA ESTRUTURA URBANA.....	17

4 PLANO DE ESTRUTURA E DETALHE AJUDA-BELÉM	19
4.1 INTRODUÇÃO	19
4.2 OS PRINCÍPIOS	19
4.3 A GRANDE OPÇÃO	20
4.4 ESTRUTURA FUNCIONAL PROPOSTA	22
4.5 INFRA-ESTRUTURAS DE TRANSPORTE, CIRCULAÇÃO E ESTACIONAMENTO	24
5 PROJECTO INTEGRADO	25
5.1 INTRODUÇÃO	25
5.2 O ACTUAL MUSEU NACIONAL DOS COCHES	25
5.3 O NOVO MUSEU NO CONTEXTO DA ÁREA MONUMENTAL	26
5.4 O CONCEITO EXPOSITIVO E ARQUITECTÓNICO DO NOVO MUSEU	26
5.5 PROGRAMA E ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL DO NOVO MUSEU	28
5.6 CONTEXTO URBANO ENVOLVENTE AO MUSEU	29
6 CONCLUSÃO	31
7 BIBLIOGRAFIA	33
ANEXOS	34

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 Delimitação da área do caso de estudo.....	4
Figura 2.1 Vista sobre o Museu Guggenheim e espaço envolvente.....	6
Figura 2.2 Fachadas da área monumental de Turim.....	7
Figura 2.3 Área Monumental da cidade de Bruges.....	8
Figura 2.4 Percursos mais importantes de Bruges.....	8
Figura 2.5 Impacto visual da Acrópole de Atenas que se ergue no meio do tecido urbano.....	11
Figura 2.6 Multifuncionalidade da cidade de Paris.....	12
Figura 3.1 Dados gerais da cidade de Lisboa e da zona sudoeste.....	16
Figura 3.2 Localização da área monumental principal e do pólo secundário.....	18

1.2 O TEMA

A questão das áreas monumentais é um fenómeno presente em grande parte das cidades europeias, tornando-se oportuno perceber as suas diferentes vertentes de configuração do espaço urbano assim como o seu papel estruturante no contexto da cidade. Este entendimento constitui o ponto de partida para a realização de um projecto que prevê um exercício de grande composição centrado sobre esta temática, implicando o estabelecimento de uma estratégia que vai desde a intervenção num vasto território urbano da cidade de Lisboa, não consolidado, que compreende a zona Ajuda-Belém, ao objecto arquitectónico, no caso um equipamento cultural.

1.3 ENQUADRAMENTO DO TEMA

O papel estruturante destas áreas de alto valor patrimonial é evidente quando se atravessa uma cidade, aparecendo como consumidoras de espaço, distintas das restantes ocupações urbanas, com um valor singular e simbólico polarizador do espaço envolvente e criador de referências. Enquanto forma e origem, estas áreas monumentais apresentam contextos espaciais e temporais diferenciados que as determinam, e que acompanham a evolução que este conceito teve nos diferentes momentos da história e que culmina nos dias de hoje. Tem por princípio a noção de monumento, configurando-se como fundamental e útil para alcançar uma definição e um entendimento maior sobre a monumentalidade, cujo sentido histórico se encontra frequentemente associado a um desejo de expressão de poder. No entanto, este paradigma monumentalidade/poder revela nos dias de hoje uma tendência de mudança para uma monumentalidade mais relacionada com o quotidiano das pessoas.

1.4 JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

Esta questão das áreas de alto valor patrimonial é relativamente recente, aliás, assiste-se actualmente a um interesse crescente por esta temática, certamente aliada à importância e ao papel que têm no desenvolvimento da cidade. Nesse sentido, o tema tem estimulado longos debates, enquadrados nas mais diversas correntes ligadas à reflexão, à produção e à gestão da cidade, mas todas reconhecendo o grande potencial destas áreas. Torna-se desta forma aliciante, enquanto processo metodológico, explorar preocupações actuais, que conjugam uma vertente teórica com uma mais prática de projecto. O facto de incidir sobre a cidade de Lisboa, vem também sublinhar esta ideia, uma vez que é uma realidade que me é próxima, física e afectivamente.

1.5 OBJECTIVOS DO TRABALHO

Este trabalho pretende por um lado, pôr em evidência a importância que as áreas monumentais têm na estrutura urbana de uma cidade e por outro, procura definir os pressupostos que determinam e contribuem para o equilíbrio do espaço monumental, levando-nos a pensar que factores são mais ou menos basilares na sua configuração. No entanto, o principal objectivo passa pela transposição dos pressupostos estabelecidos para o caso particular Ajuda-Belém sob a forma de projecto, assente na ideia de afirmação do valor monumental deste conjunto.

A zona Ajuda-Belém foi definida enquanto área monumental na Exposição do Mundo Português em 1940, no entanto, o processo de transformação que esta área foi sofrendo ao longo dos tempos, teve influência no actual desequilíbrio que esta apresenta sobre o ponto de vista da leitura do território, das funções que a suportam e da própria dinâmica social. Pretende-se desta forma contrariar esta tendência, adoptando um princípio que procura aproveitar o mais significativo da história do lugar, para projectar uma imagem para o futuro. Posto isto, a intervenção no território passa por atingir os seguintes objectivos:

- Desenvolver uma solução urbanística que articule os diferentes níveis (histórico, cultural, patrimonial e arquitectónico) que compõem a área monumental.
- Reforçar a complementaridade entre o rio e a frente ribeirinha
- Promover uma vivência multifuncional.
- Proporcionar um ambiente urbano socialmente dinâmico, capaz de arrancar o utilizador da indiferença, contrariando a actual “frieza” do espaço.

1.6 METODOLOGIA

A realização deste trabalho obriga à construção de um percurso metodológico centrado na temática da intervenção na área monumental, abarcando todas as escalas, desde a intervenção no território ao detalhe do objecto. Esta aplicação prática de projecto incide na cidade de Lisboa, mais especificamente na área monumental Ajuda-Belém.

A estrutura metodológica do trabalho está organizada da seguinte forma:

- *Caracterização do tema* - Pretende-se a contextualização do tema proposto através da análise documental e da compreensão de casos concretos de áreas monumentais, no sentido de se perceber a amplitude do tema: quando foi feito; como surgiu; quando lhe foi atribuído o estatuto; o que é que a caracteriza; e o que contém. É importante neste momento estabelecer um conjunto de princípios que fundamentem o tema, resultado da investigação anterior.

- *Caracterização do sítio* - Esta fase procura num primeiro momento, perceber a origem e o percurso histórico do sítio, identificando os principais elementos que o compõem, relações que se estabeleceram e as transformações a que foi sujeito. Numa fase posterior identificar as continuidades e descontinuidades existentes (morfológica, de uso, outras), detectar os problemas observados no local, assim como os pontos fortes; reconhecer as diferentes relações morfológicas, funcionais, sociais e ambientais que se estabelecem no local. Desta análise prevê-se já uma capacidade de reacção ao lugar, uma tomada de posição sobre o contexto do lugar, a cultura, as referências, as particularidades.

- *Plano de Estrutura e Detalhe* - Esta etapa consubstancia-se na procura de soluções para a optimização de uma proposta de composição urbana. Pressupõe a apresentação e fundamentação de um processo de intervenção para toda a área monumental a diferentes escalas, assente nos princípios que definem uma área monumental.

- *Projecto Integrado* - Esta fase refere-se à procura de soluções para a optimização de uma proposta de um projecto de equipamento cultural e espaço envolvente. Pressupõe a apresentação e fundamentação de um processo de intervenção assente nos princípios estabelecidos na fase anterior.

1.7 DELIMITAÇÃO DA ÁREA DO CASO DE ESTUDO

As análises realizadas nesta área ocidental de Lisboa, no âmbito do presente estudo, permitiram detectar valores culturais e de património que interessa proteger e valorizar. Os actuais edifícios classificados apresentam desarticulações evidentes, à semelhança do que sucede com o espaço público, onde os critérios de desenho urbano são pouco uniformes, sendo desta forma necessário a consolidação destes aspectos no panorama monumental.

A delimitação da zona de estudo (*figura 1.1*) assentou desta forma na inclusão de elementos e espaços considerados importantes no funcionamento da estrutura urbana monumental. Trata-se portanto, de um vasto território urbano, não consolidado, enquadrado entre a Torre de Belém, a Ermida de São Jerónimo, Alcântara, a zona ribeirinha e o Jardim Tropical, designado de área monumental Ajuda-Belém. Esta designação pode suscitar dúvidas uma vez que a delimitação apenas inclui a Freguesia de Santa Maria de Belém, e não a da Ajuda, no entanto, existe uma razão que o justifica, resultante de uma interpretação conjunta desta área monumental, onde a colina (Freguesia da Ajuda) e o Rio Tejo estão presentes.

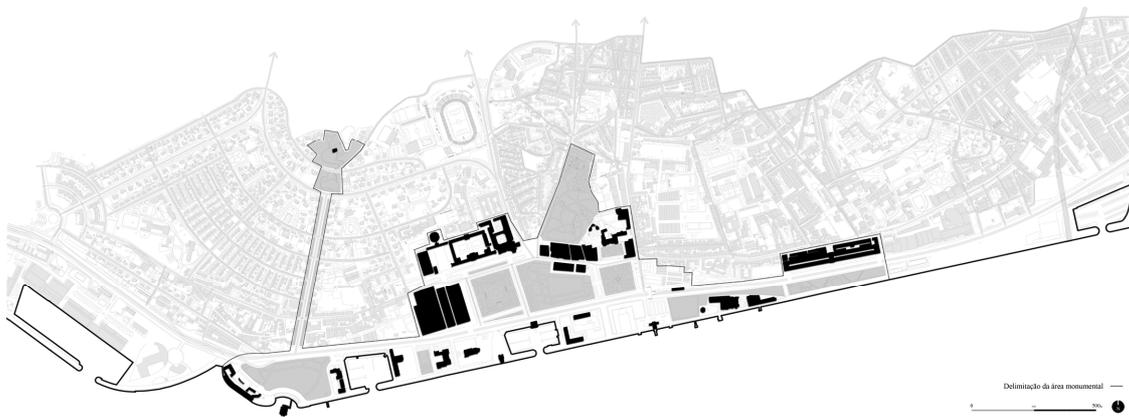


Figura 1.1 Delimitação da área do caso de estudo

1.8 ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO

O texto que compõe este estudo está dividido em seis capítulos. O primeiro deles é o presente capítulo introdutório que caracteriza e justifica o tema, referindo também os objectivos da investigação. Descreve-se ainda, a forma como o projecto será conduzido na sua vertente teórica e prática.

No Capítulo 2 é apresentado o enquadramento teórico do tema em estudo, através de uma revisão bibliográfica e de alguns casos de estudo em concreto. Nele são apresentados, também, alguns princípios síntese que ajudam a compreender melhor a problemática do tema aqui colocado.

O Capítulo 3 destina-se à caracterização do caso de estudo, a área monumental Ajuda-Belém, tendo em conta por um lado, a origem, a evolução histórica e as características morfológicas, funcionais, económicas, ambientais e sociais, e por outro lado, o seu papel no contexto da cidade de Lisboa. Nele se apresentam ainda as propriedades que configuram o conjunto monumental, identificando-se os problemas e as potencialidades que lhe estão associadas.

No Capítulo 4 é apresentada a estruturação e fundamentação conceptual de uma proposta de intervenção sobre a área monumental Ajuda-Belém. Neste capítulo são expostos os princípios, as intenções e as opções que envolveram esta intervenção urbana. São ainda apresentados quadros que complementam a informação escrita, apresentando as principais alterações propostas em termos quantitativos.

O Capítulo 5 destina-se à concepção e programação de um projecto que integra um equipamento cultural, o Museu Nacional dos Coches, e o contexto urbano envolvente, suportado nas principais debilidades e potencialidades constatadas.

Por último, o Capítulo 6 faz a síntese das conclusões mais relevantes que se retiraram deste trabalho.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 INTRODUÇÃO

O enquadramento que aqui se pretende abordar tem por objectivo a definição de “área monumental”. O facto é que mesmo sendo esta uma noção presente em grande parte das cidades europeias, a verdade é que a informação que aborda directamente o tema é escassa. Desta forma, foi necessário encontrar referências teóricas um pouco mais disponíveis, designadamente a bibliografia que versa sobre “monumento”, servindo assim de ponto de partida para se alcançar o conceito de “monumentalidade” e conseqüentemente de “área monumental”, acrescentando valor na fundamentação através de exemplos de áreas monumentais de diferentes cidades.

2.2 MONUMENTO

Independentemente das derivações semânticas da palavra monumento, é fácil de perceber que se trata de uma interpelação á memória, ou seja, tudo o que lembra, ou o que faz recordar um passado específico, como refere Françoise Choay (2008). Transportando este significado para as diferentes cidades que foram investigadas, percebe-se que é um elemento importante na definição de grande parte das áreas monumentais, no entanto, não é aplicável a todas. Um dos exemplos mais notórios é o caso de Bilbao, uma cidade marcada no século XIX por uma actividade comercial importante que foi crescendo ao ritmo da indústria, e já no final do século XX por grandes projectos arquitectónicos, nos quais se inclui naturalmente o Museu Guggenheim, principal motor cultural e turístico do País Basco. Surge então numa tendência mais contemporânea de monumentalidade, onde o monumento pela sua singularidade, imponência, funcionalidade e envolvência lhe confere esse estatuto (*figura 2.1*).



Figura 2.1 Vista sobre o Museu Guggenheim e espaço envolvente

No entanto, esta noção de monumento revela algumas derivações que segundo Choay (2008), se consubstanciam numa distinção entre “monumento” e “monumento histórico”. Os monumentos neste caso seriam uma forma de atingir um objetivo preciso para as sociedades que os construíram, actuando sobre a memória de uma forma intencional. Por outro lado a autora refere que nem todos os objectos pretendem cumprir essa função, ou seja, podem ser convertidos em testemunho histórico sem ter tido na sua origem um destino memorial, designando-se assim, “monumento histórico”.

Alois Riegl (1984), dentro da mesma lógica de pensamento utiliza o conceito de “monumento intencional” e “monumento não intencional” para fazer a distinção entre um objecto criado com o sentido de exaltar o patriotismo e/ou comemorar um evento importante e por isso, possuidor de um valor intencional, e um objecto repleto de valor histórico, carregado de costumes sociais, jurídicos, políticos e económicos de uma época, mas que não foi feito com essa intenção.

Em Turim, por exemplo, o conceito de monumentalidade está associado a uma intenção clara de expressar o poder. Esta noção teve origem ainda nos séculos XVII, XVIII e XIX com a família de Saboia numa necessidade de afirmação do poder político. A estrutura baseia-se em eixos monumentais cujo desenho de espaço público incluía o plano de fachada à semelhança da sua contemporânea Baixa-Pombalina. A *figura 2.2* mostra a composição de algumas das fachadas da área monumental de Turim.



Figura 2.2 Fachadas da área monumental de Turim

Houve sempre uma grande coerência na forma como a cidade se expandiu e os crescimentos da cidade foram sempre consolidando a estrutura que havia sido definida. Esta ideia é mais tarde reforçada com a ascensão do regime fascista e totalitarista, onde é feita uma transformação na imagem arquitectónica e os usos são adaptados aos paradigmas e doutrinas fascistas, numa necessidade clara de afirmação do poder na cidade.

Por outro lado, Bruges revê-se numa situação de monumentalidade não intencional, onde o sentido histórico é de tal maneira forte e marcante de uma época, que o torna singular, ou seja, monumental. É uma cidade medieval no nordeste da Bélgica, província de Flandres, também chamada de “Veneza do Norte”, por causa dos inúmeros canais que a cercam ou a atravessam. O centro histórico de Bruges é Património da Humanidade, por ser um “excelente exemplo de assentamento medieval” tendo mantido as suas características ao longo da história. Além da arquitectura típica em Bruges, existem muitos edifícios e locais de grande relevância histórica ligados a percursos (figura 2.4) que dão corpo a um conjunto monumental (figura 2.3). São estas particularidades que lhe são inatas que fazem de Bruges uma cidade monumental.

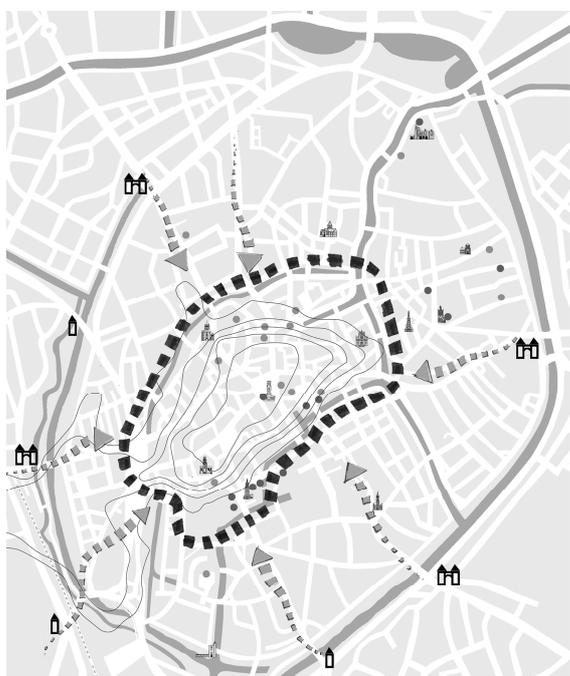


Figura 2.3 Área Monumental da cidade de Bruges

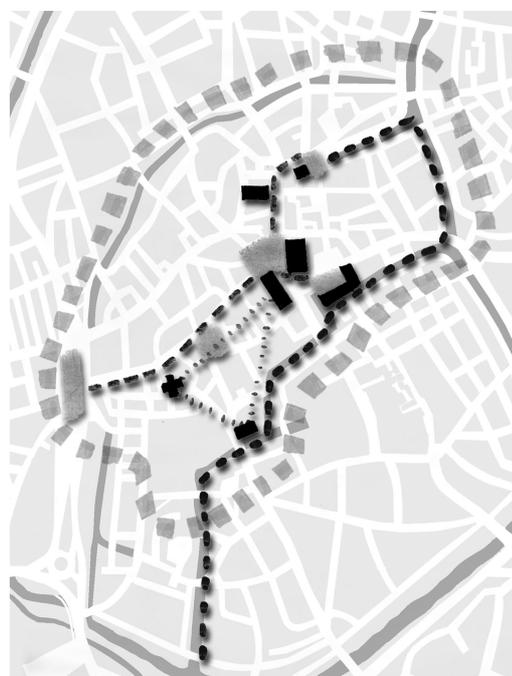


Figura 2.4 Percursos mais importantes de Bruges

2.3 MONUMENTALIDADE

Segundo Riegl (1984), a noção de monumento não se limita apenas ao objecto, visto que é detentor de uma carga simbólica, abstracta – monumentalidade – a qual tem por função trabalhar sobre o imaginário social. Quer com isto dizer, que o monumento finaliza em si uma monumentalidade, a qual, por sua vez, é transcendente, pois ela não é só mais um objecto presente no espaço urbano, ela é ideia, concepção, crença. Os monumentos diversos (estatuária: em homenagem a

peças e a fatos históricos; ou arquitectónicos: edifícios, torres, praças, avenidas e planos urbanísticos inteiros) são a própria espacialização de uma ideia, de uma concepção de mundo que procura tanto a sua auto-afirmação quanto a subjugação de outras ideias e concepções destoantes.

O sentido histórico da monumentalidade, segundo alguns autores, anda emparelhado com a noção de poder, isto porque a arquitectura monumental apresentava um desejo de expressão de poder por parte de governantes dos diferentes períodos. A praça dos três poderes de Brasília é no contexto actual um exemplo de complementaridade entre estas duas noções (monumentalidade e poder). É uma cidade marcada pelo urbanismo moderno, tendo como um dos protagonistas Lúcio Costa que elaborou um plano para a cidade, onde traduz uma divisão funcional clara, uma vez que o eixo monumental e representativo agrega os ministérios e os edifícios públicos, culminando com a denominada “cabeça política”: A Praça dos Três Poderes. Os edifícios mais emblemáticos do plano foram projectados pelo arquitecto Óscar Niemeyer.

Durante a década de 1940, a utilização da monumentalidade como instrumento de demonstração de poder estava bastante clara. Em 1943, Sigfried Giedion, Fernand Léger e José Luis Sert elaboram um documento que recebe o título de “Nove Pontos sobre a Monumentalidade”, onde defendem a intenção de criar uma “nova monumentalidade”. O documento considerava que o século XIX, além de ter gerado o ecletismo também estava na origem dos pseudo-monumentos, pois não envolviam a par da arquitectura eclética o sentido colectivo de uma época. No entanto, admitia-se ao mesmo tempo o fim do preconceito contra o monumento, pois *“o povo exige mais de que uma mera solução funcional dos edifícios que devem satisfazer as suas necessidades sociais e vida colectiva. Ele quer que neles se exprima a sua necessidade de monumentalidade, de alegria e de elevação interior”*, como refere Giedion (1956). A nova monumentalidade deveria, segundo o manifesto, servir para fins mais democráticos, populares, construindo obras com as quais as comunidades urbanas se identificassem, uma vez que as representariam, e não ao “Estado centralizador”. Daí também o desejo de romper com a monumentalidade do passado, com uma monumentalidade simbolizadora de poderes individuais ou classistas: os novos monumentos deveriam simbolizar as ideias e os ideais de uma força colectiva popular. Giedon (1956) acreditava numa monumentalidade assente nos seguintes pressupostos: deveria estar presente na obra colectiva do urbanista, do arquitecto, do pintor e do escultor, nos centros das cidades, nomeadamente nos grandes espaços

vazios. O quadro monumental era completado com a utilização de materiais novos, o aproveitamento do vento ou das luzes para dar origem a novos efeitos arquitectónicos, e o uso de árvores, plantas e espelhos d'água. Sigfried Giedion (1956) defendia que as suas estruturas monumentais estimulavam a ocorrência de vida colectiva, permitindo a formação de centros cívicos e a dando resposta aos esvaziamentos dos centros, que resultavam em parte das concepções funcionalistas. Começava-se a fazer sentir a mudança de paradigma, de uma monumentalidade/poder para uma monumentalidade/quotidiano, noção também sublinhada por Brandão (2006). Trata-se de uma monumentalidade que não se limita apenas à funcionalidade, mas que é capaz de causar nas pessoas um “impacto emocional”, fazendo-as identificarem-se com o espaço envolvente.

2.4 ÁREA MONUMENTAL

A nova noção de monumentalidade, assim como o conjunto de áreas monumentais observadas nas diferentes cidades, permite estabelecer os aspectos que definem um espaço monumental. Trata-se genericamente de um espaço de impacto, que se distingue do resto da cidade, fazendo assim parte de um todo. Funciona como um ícone facilmente identificável na cidade, que se dispõe no território de formas distintas, por eixos, percursos, elementos ou áreas.

A cidade de Chicago funciona como um exemplo claro de eixo monumental a par da já referida cidade de Brasília. O eixo coincide com a Michigan Avenue, a mais importante da cidade quer pela sua imponência no contexto da cidade quer pela capacidade comercial e turística entre outras coisas.

Na cidade de Toledo por outro lado, a área monumental é definida com base num percurso, ou seja, possui um conjunto de edifícios imponentes de diferentes estilos e épocas, fruto da passagem dos mais diversos povos por aquele território, que estão ligados através de um percurso que atravessa grande parte da cidade.

Marselha, por sua vez, assume-se como um exemplo onde o elemento paisagem é determinante na definição da área monumental. É uma cidade localizada na antiga província da Provença e na costa do mediterrâneo, assumindo-se como o maior porto comercial do país. Desde o primeiro terço do século XIX, que a cidade empreende obras monumentais, nomeadamente a escavação do canal de Marselha, que marca por um lado a chegada da água á cidade e por outro a sua própria imagem que aliada a uma vertente de colina completa assim a paisagem.

Enquanto área, a cidade de Santiago de Compostela é um testemunho claro, na medida em que concentra num espaço restrito da cidade um conjunto de edifícios e espaços monumentais. É uma cidade mundialmente conhecida pela sua catedral românica de fachada barroca onde acorrem os peregrinos que perfazem os Caminhos de Santiago e que naturalmente se inclui na considerada área monumental.

Uma área monumental é portanto, composta por um conjunto de elementos e espaços monumentais, capazes de causar surpresa, espanto, impacto, sendo que este impacto se pode reflectir a três níveis: visual, funcional e social.

O impacto visual resume-se à capacidade que o conjunto monumental tem de surpreender as pessoas enquanto imagem. Esta percepção pode ser transmitida por um conjunto de factores, dos quais se destaca, a localização, morfologia, história, arquitectura, escala, geometria, paisagem e estética. Um dos exemplos mais significativos deste tipo de impacto é a área monumental de Atenas. Como capital da Grécia sofreu várias alterações até ao seu estado actual. Desde as construções helénicas como a Acrópole e o Ágora até ao actual Parlamento, foram vários os momentos que contribuíram para a formação dos dois conjuntos monumentais identificados. Existe um primeiro conjunto que importa referir, essencialmente composto pelo Palácio Real, actual Parlamento, onde a monumentalidade deste elemento é resultante de um plano do século XIX, que através do seu desenho o coloca numa posição de destaque, e um segundo que entra nitidamente neste contexto de impacto visual, onde figuram a Acrópole e o Ágora (*figura 2.5*). Embora sendo da mesma época a Acrópole assume maior importância e destaca-se pela sua localização geográfica visível em quase toda a cidade. Do ponto de vista histórico, a localização da Acrópole prende-se com questões religiosas, sendo que o Ágora está relacionado com a gestão e governação da cidade. Sintetizando, temos dois conjuntos monumentais, um resultado da morfologia e relação com a cidade aliada a uma forte componente sagrada, e outro fruto da execução de um plano para a cidade que salientava a presença de um elemento em concreto: o Palácio Real.

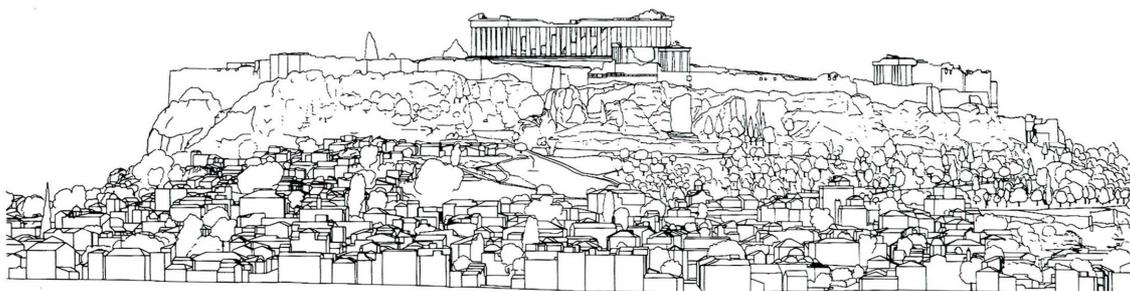


Figura 2.5 Impacto visual da Acrópole de Atenas que se ergue no meio do tecido urbano

O impacto funcional tem a ver com a qualidade dos conteúdos que esta área possui, ou seja, um espaço monumental pode ser capaz de impressionar num primeiro momento, mas não corresponder ao nível da sua utilização que depende muito das funções que são estabelecidas. A cidade de Paris enquadra-se neste tipo de impacto funcional. Paris tem uma origem romana e medieval, sobre a qual Haussmann desenvolveu um plano com o objectivo de modernizar a cidade, criando assim avenidas espaçosas e rectilíneas pontuadas por grandiosos complexos monumentais. A cidade assume-se como capital histórica, económica, arquitectónica, cultural e artística, que contribuem para a sua valorização enquanto cidade monumental. É na conjugação de todas estas capacidades funcionais, visíveis na *figura 2.6*, que Paris é capaz de causar impacto.

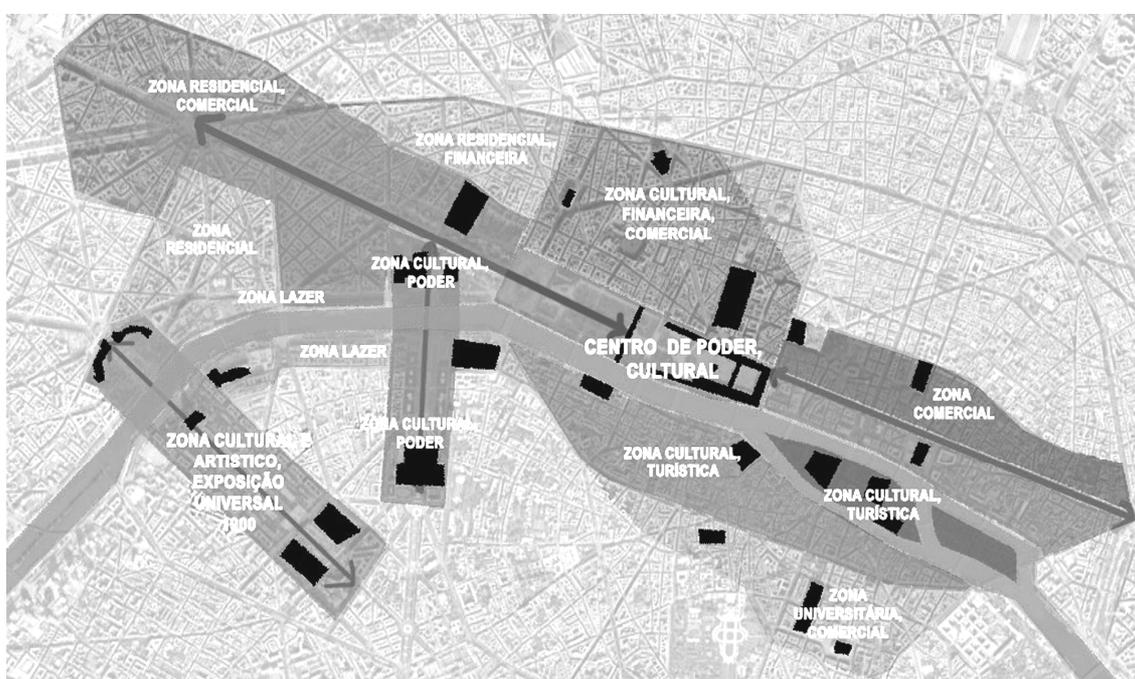


Figura 2.6 Multifuncionalidade da cidade de Paris

Por fim, o impacto social, que está directamente relacionado com as pessoas que vivem, as que usam e as que apenas vêem aquele espaço, resultando daí vivências que definem a dinâmica do espaço. Os aspectos da natureza e dimensão social são fundamentais no quotidiano da cidade e estão relacionados com o espaço físico, no caso o espaço monumental, e as actividades que lhe estão associadas. Uma área monumental deve prever dinâmicas sociais que a enriqueçam. Todas as cidades que foram estudadas possuem uma dinâmica social própria que vai ao encontro do seu potencial físico e funcional. Desta forma é natural encontrar cidades onde a vida

pública é mais intensa e ruidosa tendo presente por exemplo Paris, Chicago e Londres, e outras onde o ritmo é mais sereno, mais disciplinado como é o caso de Toledo e Bruges. Estas dinâmicas estão também muito relacionadas com a actividade turística, fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento e crescimento da cidade, e sempre associadas às ditas áreas monumentais, sendo desta forma importante prever as dinâmicas que daí resultam.

Em síntese, a definição de área monumental está sobretudo ligada à capacidade que um determinado conjunto de elementos e espaços têm de causar impacto nas pessoas, fazendo-as identificarem-se com a imagem, com as funções e com as vivências a este associadas.

3 ÁREA MONUMENTAL AJUDA-BELÉM

3.1 INTRODUÇÃO

Torna-se útil e necessário dentro desta temática, uma abordagem mais profunda e mais direccionada para aquela que é a nossa realidade, neste caso à Área Monumental Ajuda-Belém, que se assume como uma das zonas de maior relevância dentro da cidade de Lisboa e sobre a qual irá ser equacionada uma transformação urbana que prevê a sua valorização enquanto tal.

3.2 ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A posição que a área Ajuda-Belém ocupa no território enquadra-se na lógica de estruturação do espaço urbano da cidade de Lisboa, uma vez que se trata de uma ocupação orgânica e meridional, mas que sobretudo vai ao encontro de um contexto muito característico da cidade que resulta da combinação do Rio Tejo com as colinas onde se desenvolve o tecido urbano numa clara adaptação á topografia.

É com base nestas características geográficas e estratégicas que é feita a história atlântica da cidade de Lisboa e desta área em concreto. Isto é, se por um lado Lisboa beneficiou desde sempre das condições de navegabilidade e segurança que lhe eram oferecidas pelo estuário do Tejo, favorecendo desta forma a presença humana no território e constituindo portos abertos a todas as gentes e mercadorias, por outro a zona Belém-Ajuda fica marcada pela era dos descobrimentos, época durante a qual os portugueses entre outros exploravam intensivamente novas rotas de comércio.

Esta área é igualmente testemunho de um processo significativo de transformações urbanas que importa conhecer, uma vez que foram determinantes no papel monumental que assume actualmente no contexto da cidade. A ocupação desta zona foi resultado de uma fase de expansão meridional da cidade de Lisboa, que viria a marcar o aparecimento de alguns elementos importantes, nomeadamente os actuais Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, Palácio de Belém, Palácio da Ajuda e os Jardins, Botânico e Tropical. Importa realçar nesta altura a importância da relação que estes elementos estabeleciam com o Rio Tejo, formando uma estrutura urbana muito voltada para a actividade marítima. O século XIX fica claramente marcado por profundas alterações em grande parte da frente ribeirinha, resultado da construção

dos aterros que deu origem a uma nova configuração da linha de costa. Se por um lado se ganhou espaço em relação ao rio para as mais diversas actividades, também não é menos verdade que provocou um distanciamento em relação á estrutura edificada que anteriormente era valorizada pela presença deste.

Na sequência do aterro, a zona ocidental de Lisboa foi testemunho de uma transformação urbana de grande significado, levada a cabo para a Exposição do Mundo Português, que se constituiu na maior do seu género realizada no país até à Expo 98. A Exposição do Mundo Português de 1940 foi um evento realizado em Lisboa à época do Estado Novo com o propósito de comemorar as datas da Fundação do Estado Português e da Restauração da Independência. O evento levou a uma completa renovação urbana da zona ocidental de Lisboa. A sua praça central deu origem à Praça do Império que apresenta por um lado uma escala impressionante e por outro, um traçado muito rigoroso e geométrico. A maioria das edificações foi demolida ao seu término, restando apenas algumas como o actual Museu de Arte Popular e o reconstruído Monumento aos Descobrimentos. O carácter monumental que hoje ostenta esta área teve a sua afirmação precisamente nesta Exposição do Mundo Português dos anos 40. Desde essa altura foi-se assistindo a um conjunto de transformações pontuais neste território, sendo a mais relevante a construção do Centro Cultural de Belém (1988) que veio dar um grande impulso a esta zona da cidade, pelo que representava e pelo que representa hoje em dia. Surgiu inicialmente da necessidade de construir um equipamento arquitectónico que pudesse acolher a presidência portuguesa da União Europeia, para posteriormente permanecer como uma referência cultural da cidade.

3.3 ENQUADRAMENTO NO CONTEXTO DE LISBOA

A realidade é que não foi apenas aquele elemento que se destacou como impulsionador de actividades culturais, mas sim toda a área monumental compatibilizando assim toda uma potencialidade patrimonial com o desenvolvimento da cultura. A cultura e o património têm uma importância verdadeiramente estratégica para a cidade pela sua capacidade de potenciar o turismo. Digamos que é na frente ribeirinha da cidade de Lisboa que se localizam os pontos de maior interesse turístico, desenvolvendo-se ao longo do arco ribeirinho, onde são consideradas três centralidades compostas num extremo pelo Parque das Nações, noutra pela zona Ajuda-Belém aqui em questão, e no centro pela Baixa-Pombalina, que nos dá uma leitura simétrica do território. Importa neste contexto referir, que mais de metade dos

museus da cidade estão localizados no arco ribeirinho e que estes juntos representam quase 80% das visitas (com entrada cobrada) a monumentos e museus.

A Frente Ribeirinha Oriental, composta pelo Parque das Nações, é a que revela menor capital simbólico, sendo historicamente associado ao trabalho industrial, situação que se alterou muito com a intervenção urbana que sucedeu à Expo 98, abrindo caminho para a atracção de população com características diferentes, assim como para a capitalização simbólica da paisagem do mar da palha e do espaço público herdado da exposição, vocacionando-a para uma vertente mais lúdica, à qual se associam a cultura e os serviços.

Relativamente à Frente Ribeirinha Central, onde figura a Baixa-Pombalina, possui a maior densidade dos três centros e um elevado capital simbólico, ligado sobretudo aos bairros históricos e à proximidade ribeirinha que fazem desta uma área monumental.

Por seu lado, a Frente Ribeirinha Ocidental, na qual se inclui a área monumental Ajuda-Belém, apresenta-se num quadro de baixa densidade populacional no contexto da cidade de Lisboa que se deve a uma reduzida concentração residencial. A *figura 3.1* apresenta os dados gerais do INE relativos ao ano de 2001 para a zona sudoeste de Lisboa, relacionando-a ao mesmo tempo com os grandes números da cidade de Lisboa.

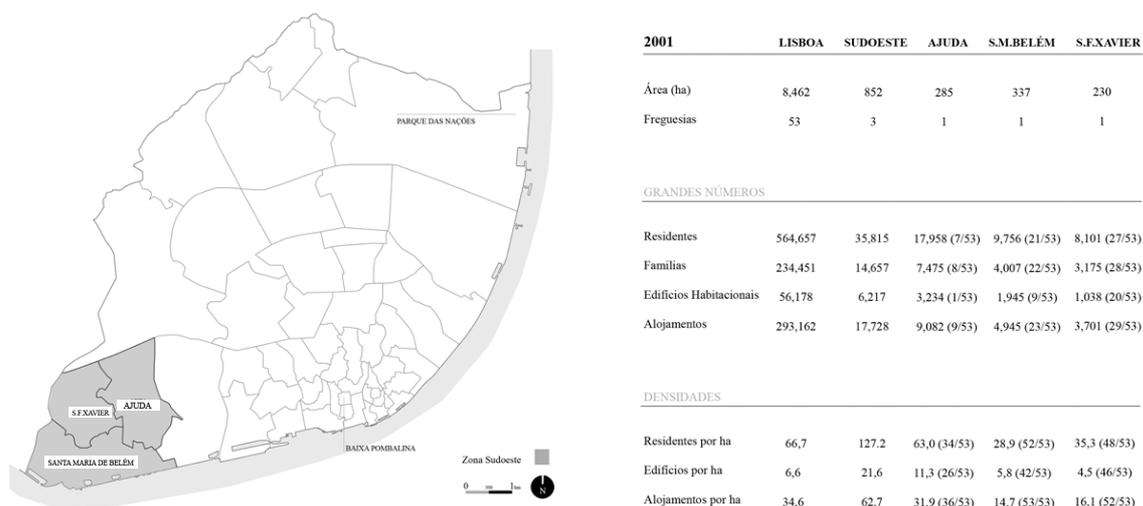


Figura 3.1 Dados gerais da cidade de Lisboa e da zona sudoeste

Possui igualmente um capital simbólico muito elevado, devido a uma história associada aos monumentos e aos núcleos históricos. Nesta área encontram-se

localizados equipamentos culturais, edifícios e espaços verdes de referência, seja pela sua relevância histórica e cultural, seja pela sua qualidade arquitectónica e ambiental.

Digamos que a comparação entre estas duas últimas unidades urbanas é inevitável, uma vez que manifestam potencialidades muito similares e que geram de alguma forma uma competitividade entre elas. Devem desta forma, ser equacionadas soluções que vão ao encontro da complementaridade entre centros urbanos. A Frente Ribeirinha Central deve-se assumir realmente como um centro histórico, que assinala a presença das mais diversos povos através por exemplo dos seus bairros, aos quais estão naturalmente associadas as actividades comerciais, culturais, entre outras, em complementaridade com a Frente Ribeirinha Ocidental, vocacionada para um forte desenvolvimento cultural à qual se alia determinadamente a história do sítio.

3.4 CONFIGURAÇÃO DA SUA ESTRUTURA URBANA

Esta área monumental Ajuda-Belém reúne de forma inequívoca um conjunto muito rico e diversificado de elementos que marcam a história e identidade do sítio: a Torre de Belém; o Mosteiro dos Jerónimos; o Palácio da Ajuda; o Museu Nacional dos Coches; o Centro Cultural de Belém; a Cordoaria Nacional; os quarteirões Vieira Portuense; a Ermida de Santo António; o Museu da Marinha; o Planetário Calouste Gulbenkian; o Jardim Tropical; o Jardim Botânico; o Jardim de Belém; a Praça do Império; a Praça Afonso Albuquerque; o Padrão dos Descobrimentos; o Museu da Presidência da República; o Museu da Electricidade; o Museu de Arqueologia; e o Museu de Arte popular.

Tendo presente o papel de uma área monumental, enquanto espaço de impacto visual, funcional e social, digamos que esta área Ajuda-Belém revela alguns desequilíbrios que perturbam a sua afirmação enquanto tal. É no somatório dos elementos que a compõe que se torna possível procurar a delimitação da área monumental, uma vez que estes se afirmam mais no plano individual que colectivo, pela sua presença histórica, arquitectónica, religiosa, cultural, etc. Isto resulta também, inevitavelmente, das vias rodo e ferroviária que interferem directamente com a leitura do espaço urbano. Portanto, o impacto visual resume-se ao valor próprio dos elementos e não enquanto um conjunto que ocupa uma posição privilegiada no contexto da cidade. Deste facto se depreende que o espaço que resulta entre eles não é proporcional ao seu valor. Esta é uma dificuldade que deriva essencialmente da aridez que apresenta, no sentido da falta de acontecimentos que vão além destes elementos de grande interesse que surgem pontualmente, levando-nos a percorrer

grandes distâncias pouco motivadoras para o utilizador. A presença do Rio atenua em certa medida esta noção, quando na verdade deveria ser potenciada a sua relação com o tecido urbano. Por outro lado, existem situações de grande actividade como é o caso dos quarteirões Vieira Portuense que acumulam um conjunto de funções fundamentalmente comerciais muito atractivas para o utilizador. Ou seja, funcionalmente ostenta uma mais valia cultural que se apresenta de alguma forma descoordenada e subvalorizada, não havendo uma estrutura integrada que a projecte nacional e internacionalmente, e por outro lado, as actividades que a apoiam também não têm o equilíbrio nem a força necessária à sua afirmação. Estas são questões cruciais que interferem directamente com a dinâmica social do espaço monumental.

Concretamente ao nível do território é possível determinar uma área monumental principal, localizada precisamente na charneira entre o Rio Tejo e a Colina e um pólo secundário que contempla o Palácio da Ajuda e o Jardim Botânico, elementos de forte ligação visual com a área monumental e de grande potencial histórico que deve ser dinamizado (*figura 3.2*). Esta imagem de área monumental só faz sentido tendo presente o Rio Tejo e a Colina.

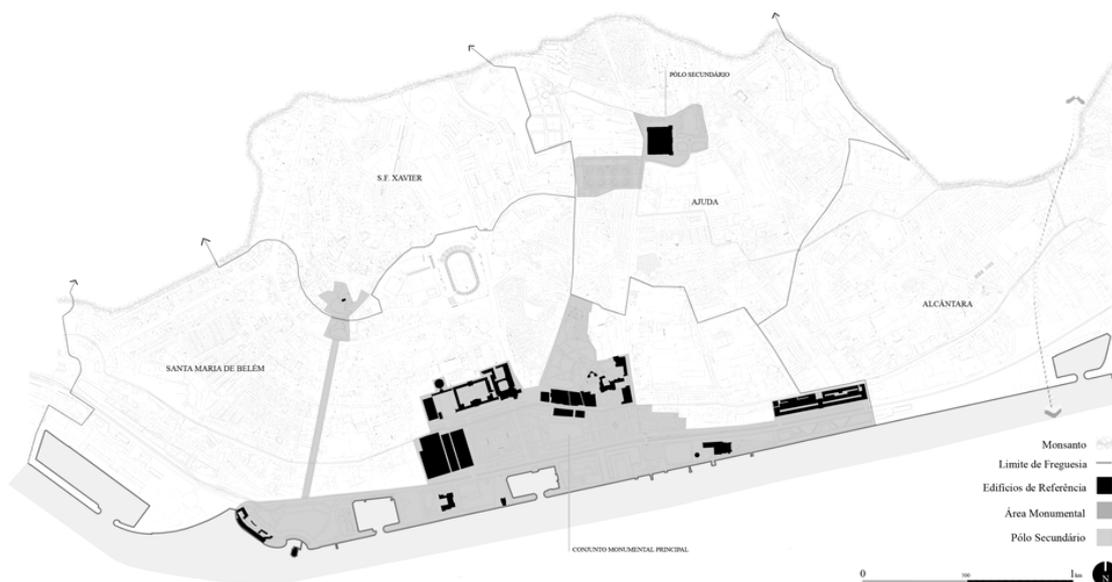


Figura 3.2 Localização da área monumental principal e do pólo secundário

Em síntese, a zona Ajuda-Belém apresenta-se no contexto da cidade de Lisboa como uma das áreas de maior significado histórico e patrimonial, no entanto, revela algumas dissonâncias no que diz respeito ao funcionamento da sua estrutura urbana, constituindo assim uma oportunidade de intervenção.

4 PLANO DE ESTRUTURA E DETALHE AJUDA-BELÉM

4.1 INTRODUÇÃO

O objectivo central desta fase do trabalho é a estruturação conceptual e técnica de uma lógica de intervenção sobre a área monumental Ajuda-Belém. Os conteúdos que aqui vão ser apresentados pretendem transparecer os princípios e as opções que envolveram a execução do plano de estrutura e detalhe.

4.2 OS PRINCÍPIOS

Estava em causa, na elaboração deste plano, a transposição de uma nova concepção de área monumental para o território em questão. Esta concepção procura na história do sítio uma imagem para o futuro, ou seja, pretende ir ao encontro de alguns dos aspectos que marcaram esta área, nomeadamente a proximidade dos edifícios ao rio, a irregularidade da linha de costa e a relação dos elementos mais marcantes com o rio, que davam a este espaço uma imagem e um conjunto de relações visuais muito rico e diversificado. Este princípio de ligação com o passado do sítio já havia sido conhecido em alguns dos planos elaborados para a área, dos quais destaco o Plano de Salvaguarda e Valorização Ajuda-Belém, coordenado pelo Professor Costa Lobo.

É assente nestes princípios que se torna necessário encontrar uma linguagem urbana articuladora para esta área, que passará por entender o património edificado e o sistema de espaços públicos, como elementos estruturadores e caracterizadores de um tecido urbano monumental, promovendo regras de desenho que garantam uma fácil leitura da hierarquização espacial e da coesão global da área e que sobretudo privilegie o sistema de vistas. Isto inclui naturalmente o reforço do relacionamento entre as duas margens das vias rodó e ferroviária. Uma vez que esta área é marcada pela afinidade entre a estrutura urbana e o rio, tornar-se-á necessário fortalecer a complementaridade entre eles explorando, por exemplo, a presença do rio para criar novas formas de utilização e fruição do espaço público e edificado que compõem a frente ribeirinha, visto que o modo como as pessoas fruem o espaço não depende exclusivamente da sua forma urbana mas também do potencial ambiental e funcional que tem. Passará também por promover uma vivência multifuncional, concebendo uma estrutura integrada e equilibrada de equipamentos culturais devidamente apoiada

por um conjunto razoável e diferenciado de actividades, lúdicas, comerciais, turísticas, etc. Por outro lado, o facto de esta área monumental estar actualmente marcada por uma certa descaracterização e monofuncionalidade, revela a importância de se encontrar soluções que contrariem esta situação. Para o efeito, será necessário qualificar o ambiente urbano e os factores determinantes da qualidade de vida das pessoas, criar e qualificar os espaços verdes urbanos, melhorar a qualidade visual da paisagem urbana e construir espaços públicos acessíveis a todos, capazes de estimular as pessoas. Este conjunto de intenções terá como finalidade fazer de Ajuda-Belém uma área monumental de referência na cidade, que causa nas pessoas que interagem com ela impacto, quer enquanto imagem, quer pelas funcionalidades e dinâmicas sociais que prevê.

4.3 A GRANDE OPÇÃO

A área de intervenção abrange um espaço de aproximadamente 102 hectares, que se enquadra na charneira entre o Rio Tejo e a colina da Ajuda, mais precisamente entre a Torre de Belém, a Ermida de São Jerónimo, a zona ribeirinha, o Jardim Tropical e a Cordoaria Nacional.

A grande opção do plano passa pela construção de uma “muralha” permeável na área monumental, apoiada no seu valor de memória e em referências históricas de estruturação do tecido urbano do século XIX, evidentes em imagens e bases cartográficas da época. Trata-se portanto, de um volume que percorre irregularmente grande parte da frente ribeirinha salvo alguns momentos de excepção. Estes momentos foram hierarquicamente definidos em detrimento do valor dos edifícios ou espaços em questão, reforçando assim um conjunto de enquadramentos visuais muito diferenciados e precisos, proporcionados tanto a quem se desloca dentro deste espaço como para os que se movimentam no Rio Tejo. Este reforço passa em grande medida pela adição e subtracção criteriosa de terras ao longo da frente ribeirinha, como forma de acentuar pontualmente a proximidade ao rio. Definiram-se então dois momentos principais, um que compreende o Mosteiro dos Jerónimos, Praça do Império, Centro Cultural de Belém, Padrão dos Descobrimentos e a proposta de construção do novo Museu Nacional dos Coches e outro, o Palácio de Belém, a Praça Afonso Albuquerque, e as propostas da nova estação de comboios e da área habitacional e comercial junto aos quarteirões Vieira Portuense. Dentro da mesma lógica de relações visuais, mas assumindo um papel mais secundário e menos central

aparecem por um lado, a Cordoaria Nacional, onde o espaço que resulta da sua ligação ao volume deu origem à construção de uma marina que vem substituir as existentes e por outro, a Torre de Belém e a Ermida de São Jerónimo. Já numa outra escala, figura o Museu da Electricidade e a única unidade hoteleira da zona, culminando com pequenas aberturas no próprio volume associado às diferentes actividades que alberga. Trata-se portanto de um “muro” permeável e “habitável” que comunica com toda a área monumental numa alusão à história a diferentes níveis: na proximidade do volume ao rio, na irregularidade que é conferida à costa e no conjunto de relações visuais que se estabelecem.

O volume actua como um elemento de mediação entre o tecido urbano da área monumental e o rio, funcionando como um elemento catalisador e atractivo, no sentido de que se estabelece inevitavelmente como uma referência territorial. Emerge como uma peça de arquitectura com quase 2 km de extensão e que ronda os 6 metros de altura, que concentra e polariza uma quantidade significativa de actividades, oferecendo núcleos multifuncionais de grande interesse para as pessoas. Abrange no território uma área de cerca de 36663 m², dos quais 13502 m² são ocupados pelas referidas actividades, de onde se destacam a restauração e os equipamentos culturais e fluviais. Apresenta-se portanto, como uma peça de grande dimensão, de desejada afirmação arquitectónica, de grande plasticidade, e capaz de suportar o aparecimento gradual de novas funções e novas construções, dependendo das estratégias de gestão a implementar em função da procura.

A solução urbanística adoptada para a área monumental prevê então, uma nova lógica de entendimento da frente ribeirinha, integrando alguns dos elementos já existentes, a saber, Torre de Belém, Padrão dos Descobrimentos, Museu da Electricidade e o Hotel. A solução tem como “espinha dorsal” a construção da “muralha” que vem determinar o funcionamento de toda a frente ribeirinha, no que diz respeito ao espaço público e à massa edificada proposta. Desta forma, o espaço público contíguo ao volume encontra-se de uma forma geral dividido em 3 tipologias: uma que corresponde a pequenos espaços de estar que apoiam as actividades do volume; outro de passagem, que atravessa paralelamente ao volume toda a frente ribeirinha, muito adequado para quem por exemplo, faz jogging ou anda de bicicleta; e por fim espaços arborizados, que integram o estacionamento. Relativamente à massa edificada proposta para a frente ribeirinha, ela surge no espaço de forma dispersa, articulada com o “muro” e proporcionando espaços muito distintos, tanto públicos como privados.

4.4 ESTRUTURA FUNCIONAL PROPOSTA

A proposta de estruturação da área monumental prevê uma afectação do espaço construído por várias categorias de uso, criando pólos de actividade distintos (culturais, comerciais, habitacionais, lúdicos, náuticos, turísticos, etc.), distribuídos de forma integrada e equilibrada ao longo do território. Importa referir dentro deste contexto, que embora não se incluam dentro da área monumental, existem outros pólos de actividade importantes que a circundam e dinamizam: pólo desportivo, dado pela presença do Estádio do Belenenses; pólo científico, que inclui a Fundação Champalimaud, um importante centro de investigação; lúdico, proporcionado pelas Docas de Alcântara; e o Centro de Congressos de Lisboa. De qualquer forma, interessa conhecer objectivamente as alterações funcionais que tiveram na base deste plano. Desde logo, houve uma necessidade de reorganização de parte da actividade cultural da área monumental, uma vez que existem museus com necessidade de aumento da capacidade, face ao tipo e à quantidade de peças que possui, e ao mesmo tempo de assumir uma posição mais afirmativa e integrada no território, onde foi tomada a opção de realocação de alguns deles. Ao mesmo tempo tornou-se útil dotar esta área monumental de novas actividades culturais, importantes para o seu desenvolvimento. Posto isto, foram tomadas as seguintes opções:

- O Museu da Marinha será transferido para a Cordoaria Nacional, ganhando assim capacidade de área e assumindo uma localização que vai ao encontro dos conteúdos que apresenta, de grande proximidade ao rio, formando ao mesmo tempo um núcleo de interesse náutico que contempla ainda as propostas de construção do Clube Naval, Escola Náutica e marina.

- O Centro de Exposições de Arte Contemporânea, actualmente na Cordoaria Nacional passará a localizar-se num edifício totalmente vocacionado para o efeito, situado entre a Torre de Belém e o Hotel.

- O espaço que era ocupado pelo Museu da Marinha no Mosteiro dos Jerónimos ficará liberto para o aumento da capacidade de exposição do Museu Nacional de Arqueologia.

- O Museu Nacional dos Coches proposto passará a assumir uma posição mais central e mais estruturante na área monumental, de remate da Praça do Império, servindo por outro lado para aumentar a capacidade de exposição, importante dado o espólio de coches que apresenta.

- O actual recinto expositivo do Museu Nacional dos Coches “regressará” às origens de picadeiro, funcionando como um espaço para a prática e divulgação de arte equestre.

- O Museu de Arte Popular, actualmente desactivado, passará a integrar-se na nova lógica de construção da frente ribeirinha, onde a área afecta a este é maior e mais rica.

- Construção do Museu das Descobertas na área monumental, como forma de levar o visitante a conhecer a época que marcou a história de Belém, à imagem do que sucede em Belmonte, localidade onde a família de Pedro Álvares Cabral morou. Pretende-se que ocupe o Pavilhão das Galeotas, do qual faz parte actualmente o Museu da Marinha.

- Construção de um Centro Lúdico e Cultural para a família junto ao novo Museu de Arte Popular, dotado de biblioteca, oficinas, espaço multimédia, áreas de jogo e de convívio, proporcionando assim um desenvolvimento global de todos os membros, sobretudo para as crianças e idosos.

A proposta urbana prevê ainda dois núcleos habitacionais, separados pela Praça Afonso Albuquerque e pela nova Estação de Comboios, numa forma de trazer novas dinâmicas sociais para o espaço, contrariando a actual especialização funcional que apresenta. Estas áreas residenciais procuram estar agregadas com a estrutura urbana já consolidada, e são apoiadas por actividades comerciais e serviços, no sentido de dar resposta às necessidades de bens e serviços geradas pelos novos residentes.

Outra das funções que marca actualmente a área Ajuda-Belém, nomeadamente a frente ribeirinha é a restauração, que na solução urbanística que foi adoptada ganha nova dimensão, em função das actividades que foram propostas. Existe assumidamente um núcleo de restauração situado entre a Torre de Belém e o Hotel, em parte integrado no “muro” proposto, sendo que no resto da área monumental, esta função vai surgindo pontualmente.

De uma forma geral, a área monumental Ajuda-Belém é claramente dominada pelo espaço não construído (espaços verdes, vias, passeios e estacionamento), que corresponde a cerca de 74% da área de intervenção. No que diz respeito ao espaço construído, existe uma clara predominância dos equipamentos culturais, que representam cerca de 10% da superfície global da área de intervenção. Com menor peso na área monumental aparecem os pólos habitacionais e as zonas de restauração com 3% e 1%, respectivamente. Os restantes 12% estão divididos entre equipamentos

náuticos, equipamentos de culto, Presidência da Republica, Hotel e as estações ferroviária e fluvial.

As características físicas e funcionais da nova estrutura urbana prevêem um aumento do ritmo da vida pública na área monumental, uma vez que reúne novas formas de interacção com o espaço público e edificado, mais abrangentes e integradas, através da inclusão de novas funções e de espaços públicos qualificados, com naturezas distintas e complementares entre si, estimulando assim a presença humana na área.

4.5 INFRA-ESTRUTURAS DE TRANSPORTE, CIRCULAÇÃO E ESTACIONAMENTO

Face a estas novas dinâmicas sociais, houve a necessidade de dar uma dimensão correspondente em termos das infra-estruturas de transporte, circulação e estacionamento. Para o efeito, foi proposta uma nova zona de interface, com maior capacidade humana e maior complementaridade entre meios de transporte, importante na afirmação desta área enquanto ponto de chegada e partida e não apenas de passagem. Vem por outro lado, justificar a proposta de criação de um novo percurso fluvial ao longo da frente ribeirinha. A solução urbana procura ao mesmo tempo garantir boas condições de circulação interna e de ligação à rede viária existente, em função de uma movimentação segura de comboios, veículos e peões. Neste sentido, uma das principais intervenções tem a ver com a intenção de tornar permeável a ligação entre a frente ribeirinha e o tecido urbano a norte, contribuindo para isto as propostas de ligação sobrelevadas e subterrâneas. Estas passagens acompanham toda a frente ribeirinha, com distanciamentos regulares e razoáveis (distância média de 400 metros), sempre associadas a pontos de grande actividade. Houve por outro lado, o cuidado de dotar toda a área monumental de estacionamento, em função das necessidades provocadas pela nova estrutura urbana. Foram propostos 1551 lugares de estacionamento, dos quais 27 são destinados a autocarros, ou seja, possui mais 200 lugares que a área actual.

Sintetizando, a proposta de intervenção na área monumental Ajuda-Belém assenta num princípio articulador das diferentes opções de natureza visual, funcional e social, que através de uma linguagem contemporânea, procura nas referências históricas do sítio uma imagem para o futuro.

5 PROJECTO INTEGRADO

5.1 INTRODUÇÃO

Nesta fase do trabalho está implícita uma abordagem de aproximação ao detalhe, através da concepção e programação de um projecto que integra um equipamento cultural, neste caso, o novo Museu Nacional dos Coches, e o contexto urbano envolvente. A execução do projecto deve considerar as grandes opções de natureza conceptual que foram estabelecidas para a área monumental Ajuda-Belém.

5.2 O ACTUAL MUSEU NACIONAL DOS COCHES

O actual Museu Nacional dos Coches está situado no antigo Picadeiro Real do Palácio de Belém, junto à Praça Afonso Albuquerque. Este edifício foi adaptado a museu em 1904 e mais tarde, em 1940, Raul Lino orienta as obras de ampliação do mesmo com a construção de um salão lateral, que vai permitir o aumento da área de exposição. Hoje, conserva e expõe uma impressionante colecção de viaturas reais do século XVII aos finais do século XIX, incluindo no seu espólio coches, berlindas, carruagens, seges, carrinhos de passeio, liteiras, cadeirinhas e carrinhos para crianças. Completam a colecção, um núcleo de arreios de tiro, arreios de cavalaria, selas, fardamentos de gala, de armaria e acessórios setecentistas. Importa referir que parte da colecção do museu está exposta ao público no Paço Ducal de Vila Viçosa, um importante monumento situado no Terreiro do Paço da vila alentejana do distrito de Évora.

É considerada a mais notável colecção do mundo do seu género, onde é possível conhecer não só a evolução técnica dos transportes como as transformações ao nível das artes decorativas expressas sobretudo na ornamentação das viaturas. É um museu de grande projecção nacional e internacional, por isso também um dos mais visitados de Portugal e o mais visitado da cidade de Lisboa, onde em 2009 recebeu 197,7 mil visitantes.

O ambiente distinto e cuidado no qual o actual Museu Nacional dos Coches se insere, com uma série de motivos decorativos utilizados em toda a ornamentação do tecto e dos painéis nos topos do salão, contrasta com as evidentes limitações físicas que apresenta, sobretudo ao nível da capacidade e segurança, justificando desta forma a construção de um novo museu, proporcional ao valor da colecção que possui e capaz de reunir nas instalações todo o seu espólio expositivo.

5.3 O NOVO MUSEU NO CONTEXTO DA ÁREA MONUMENTAL

Como já havia sido determinado no plano de estrutura, o novo Museu passa a assumir um papel de maior impacto na área monumental, de remate da Praça do Império, compondo assim um pólo de grande atracção patrimonial e cultural, que compreende ainda o Centro Cultural de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos. Importa sublinhar neste contexto, o papel estruturante que possui na leitura global do espaço urbano, contribuindo para a afirmação e hierarquização dos enquadramentos visuais estabelecidos no plano para esta área monumental. O novo Museu faz ainda parte de um núcleo denso de construção que integra uma nova estrutura urbana fundamentalmente habitacional, articulada com os já consolidados quarteirões Vieira Portuense. Esta intensificação do uso do solo centra-se sobre dois aspectos muito importantes definidos para esta área, que passa por um lado pelo equilíbrio entre o tecido construído e os espaços vazios, e por outro pela diversidade de funções que dão lugar à possibilidade de múltiplas formas de apropriação do espaço público e edificado.

5.4 O CONCEITO EXPOSITIVO E ARQUITECTÓNICO DO NOVO MUSEU

A materialização do projecto teve como ponto de partida a definição de um conceito expositivo, que procura ser mais do que uma forma de disponibilizar o “tesouro” patrimonial às pessoas, ou seja, considera a complexidade global do objecto (coche) e adequa-o ao espaço e ao visitante. Esta ideia pressupõe uma combinação entre a forma e a função do museu, entre o espaço e o objecto.

O coche, enquanto objecto, exhibe uma diversidade de detalhes que despertam a atenção de quem os observa, designadamente a estrutura, as técnicas utilizadas, a mobilidade, o conforto, as composições escultóricas, a cor e a luminosidade. Estes pormenores, variáveis consoante o tipo de coche, são importantes no entendimento global do objecto e devem por isso ser explorados pelo observador. Por outro lado os coches por si só não são inspiradores do imaginário colectivo, não traduzem toda a representação de uma época, sendo necessário enquadrá-los na sua história. É na combinação destes dois aspectos que nasce o conceito expositivo do novo Museu Nacional dos Coches. Assenta na forma como os coches se posicionam no espaço e são vistos pelos visitantes, e aqui é apresentada uma variante, ou seja, tanto podem ser os coches a ocupar posições diferentes (horizontal e verticalmente) e o visitante através de uma atitude mais passiva percepção os múltiplos detalhes, como pelo

contrário, o coche assume uma posição fixa levando o observador a explorar individualmente o objecto através de percursos variáveis em altura. O conceito combina este facto com a criação de ambientes específicos para os coches dependendo da temática que se pretende expor. A definição do tema deve ser variável ao longo do tempo, no sentido de valorizar todo o espólio da colecção. Portanto, quem estava habituado a ver os coches no impressionante ambiente do antigo picadeiro, passará a encontrar, no novo edifício, uma sucessão de ambientes distintos que correspondem a temas específicos. Importa apresentar alguns dos temas passíveis de serem exibidos em ambientes construídos para o efeito: o cortejo; as embaixadas; os coches; as evoluções; as artes decorativas; as berlindas; as carruagens; e a família real. A criação de ambientes abre novas possibilidades de exploração cénica da iluminação, e da utilização de tecnologias audiovisuais, recorrendo, por exemplo à imagem digital para a apresentação de filmes e de toda a informação respeitante ao tema. Por outro lado, podem ser construídos a partir de outros elementos do Museu associados ao tema, nomeadamente os trajés, os fardamentos, as pinturas, as gravuras, os desenhos, etc.

Este conceito expositivo é um dos aspectos mais representativos do novo Museu, que no entanto admite, ainda que num plano mais secundário, outras formas de exposição que o complementam. Uma vez que a parte principal da exposição tem um carácter temporário de longa duração (bianual), por força da rotatividade dos temas, torna-se importante garantir um número relevante de peças em zonas de exposição permanente, para que haja equilíbrio em termos funcionais. Estas peças incluem vários segmentos da colecção desde as artes plásticas, aos meios de transporte, aos trajés e até mesmo aos acessórios. Pretende-se que estes elementos vão surgindo ao longo do percurso, tirando partido das características do espaço para criar novas formas de contacto com o público. A exposição admite ainda a possibilidade de se alargar às zonas de oficina para conservação e restauro, às zonas de reserva e até à zona de exposição temporária de curta duração (máximo 1 mês).

A aplicação deste conceito expositivo reporta-nos para a concepção arquitectónica do novo Museu, onde a forma é indutora da organização funcional do edifício. O novo Museu Nacional dos Coches abrange uma área de 18520 m², desenvolvendo-se todo ele à superfície, respeitando desta forma o curso natural das águas do subsolo, importante, uma vez que se trata de uma zona de aterro. O novo Museu é composto por um conjunto imponente de volumes desagregados e irregulares alinhados numa orientação específica, desenhando a nascente o remate da

Praça do Império. São suportados por um embasamento contínuo que se estende até aos quarteirões Vieira Portuense com 1 piso de altura e com cerca de 14010 m² de área, que contém pequenos pátios interiores, importantes na iluminação interior do Museu. Os 7 volumes do Museu ocupam uma área de 4510 m² com alturas variáveis que atingem no máximo 25 metros. Esta opção arquitectónica tem por base a definição do conceito expositivo, ou seja, criar espaços interiores distintos, onde se desenvolvem os diferentes temas da exposição. Por outro lado, a opção da construção de um embasamento abrangente, decorreu da necessidade de capacitar o Museu de área suficiente para toda a sua colecção que tem cerca de 180 grandes peças. A ideia principal da materialização exterior deste edifício surge, tendo por base a utilização do betão branco, cujo expoente máximo se revela nos diferentes volumes, adquirindo uma aparência rígida e cromáticamente articulada com os restantes elementos da área monumental.

5.5 PROGRAMA E ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL DO NOVO MUSEU

O programa do novo Museu Nacional dos Coches decorre em grande medida da definição do conceito expositivo e arquitectónico, onde se estabeleceram já grandes zonas funcionais que vão incorporar a organização espacial do Museu.

Um dos espaços funcionais deste novo Museu é naturalmente o de acesso público, que assume um papel importante na sua estrutura interna, uma vez que contacta com grande parte das áreas funcionais do Museu. Este espaço assinala a entrada no edifício e conseqüentemente na exposição (inclui a bilheteira e o bengaleiro), mas também abrange um conjunto variado de actividades importantes na divulgação do próprio Museu e do ponto de vista da sua sustentabilidade, designadamente a loja do museu, a livraria, a cafetaria e o restaurante. Espacialmente, a entrada do edifício localiza-se num dos imponentes volumes propostos, o mais próximo do Mosteiro dos Jerónimos, como forma de impressionar o visitante no primeiro contacto que estabelece com o interior do Museu. Importa referir que este volume vai receber simultaneamente a zona administrativa. Apesar de pertencerem à mesma zona funcional, as actividades comerciais desenvolvem-se na parte mais térrea do Museu, associando-se ao mesmo tempo a um pátio interior ao ar livre.

A zona de acesso público apresenta um conjunto de relações funcionais importantes dentro do Museu, das quais se destaca o auditório, que para além de ser

um espaço de suporte à restante programação do Museu, admite ainda a realização de conferências, seminários, congressos ou para o simples visionamento de filmes, importante na afluência de novos públicos.

Por outro lado, está directamente ligado à principal área do Museu, a parte expositiva, que engloba um conjunto diferenciando de zonas funcionais: zona de exposição permanente; zona de exposição temporária bianual; zona de exposição temporária de curta duração; zona de oficina de conservação e restauro; a zona de reservas visitáveis e não visitáveis; e a zona pedagógica. Esta coexistência de oferta museológica é importante na definição de percursos de visita de diferente duração de forma a responder às necessidades dos operadores turísticos e do público em geral, aumentando consequentemente a afluência ao Museu. Esta variante refere-se sobretudo à opção do visitante de querer ver ou não, dependendo da disponibilidade e interesse, a zona de reserva visitável. Relativamente à organização espacial, destaca-se como já havia sido referido, a exposição temporária bianual que ocupa os restantes 6 imponentes volumes, intercalados por pequenos espaços de exposição permanente. Esta última desenvolve-se ainda no embasamento do Museu, onde estabelece ligação com as zonas de oficina e de reserva. O fim do percurso expositivo fica marcado pela zona de exposições temporárias de curta duração e por uma zona pedagógica, dedicada especialmente ao serviço educativo, que possibilitará uma permanente participação de públicos mais jovens em actividades como oficina de materiais, ateliers de ocupação de tempos livres, espectáculos e sessões de leitura, que complementam as visitas às colecções.

5.6 CONTEXTO URBANO ENVOLVENTE AO MUSEU

A oportunidade gerada pela criação do novo Museu, com a abertura de uma extensa área urbana à apropriação pública, provém da intenção de criar novas formas de utilização e fruição do espaço público e edificado. Este aspecto está bem patente na forma como o edifício foi idealizado, uma vez que permite a ocorrência de várias actividades lúdicas no seu exterior, nomeadamente na parte superior do embasamento do Museu, funcionando como uma espécie de terraço. Esta opção arquitectónica proporciona ainda um interessante conjunto de relações visuais sobre grande parte da área monumental, particularmente através das aberturas que resultam entre os volumes. No entanto, este espaço, apesar de todo o potencial referido, depende das actividades do próprio Museu e das que se desenvolvem à sua volta, especialmente

as actividades comerciais dos quarteirões Vieira Portuense. Para este facto contribuem os vários acessos propostos, que ligam este espaço ao interior do Museu e a diferentes zonas da área monumental. Procurou-se ao mesmo tempo dotar de estacionamento a área envolvente ao edifício, incluindo os de autocarro, localizados no espaço entre o Museu Nacional dos Coches e a Praça do Império.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objectivo central a aplicação prática de uma determinada concepção de área monumental num vasto território da cidade de Lisboa, mais especificamente na zona Ajuda-Belém, onde foram abordadas diferentes escalas de desenvolvimento urbano, desde a intervenção no território ao detalhe do objecto arquitectónico.

Procurou-se investigar num primeiro momento, através da leitura e análise de casos concretos relativos ao tema, o comportamento das áreas de alto valor patrimonial na estruturação e desenvolvimento da cidade europeia, assim como a sua própria configuração interna. Foi assim possível estudar comparativamente, as formas de integração das áreas monumentais nas diferentes cidades e as referências teóricas disponíveis, no sentido de reunir um conjunto de princípios basilares de entendimento de uma área monumental. Este estudo pôs em evidência e justificou a importância destas áreas urbanas de alto valor patrimonial, apoiando-se no impacto que causam nas pessoas que a percorrem, bem como no papel singular e polarizador que assumem no contexto da cidade. Conclui-se desta forma que uma área monumental faz parte integrante da cidade, sendo constituída por um conjunto de elementos e espaços que a distinguem do resto da estrutura urbana da cidade, sobretudo enquanto imagem, pelo conteúdo funcional que apresenta e pelas dinâmicas sociais que prevê.

Com base nestes princípios, confirmou-se por um lado que a zona Ajuda-Belém se identifica como uma das áreas monumentais da cidade de Lisboa, a par da zona da Baixa-Pombalina e do Castelo, e por outro lado verificou-se que apresenta alguns desequilíbrios que dificultam a sua afirmação enquanto tal, resultante da falta de uma estrutura urbana bem definida, de uma conjugação equilibrada e integrada dos diferentes conteúdos que oferece, e de acontecimentos que estimulem a ocorrência de vida pública. Apoiado nestas questões, o trabalho centrou-se numa vertente mais prática, implicando a definição de uma estratégia de intervenção, que teve como princípio *“Procurar na história uma imagem para o futuro”*. Com base em algumas referências históricas de entendimento do espaço urbano, procurou-se desenvolver uma solução urbana que articulasse os diferentes níveis, histórico, cultural, patrimonial e arquitectónico, que compõem a área monumental, que reforçasse a complementaridade entre o rio e a frente ribeirinha, que promovesse uma vivência multifuncional, e que proporcionasse um ambiente urbano socialmente dinâmico e

motivador, capaz de estimular a presença humana no espaço monumental. Os resultados obtidos em termos da concretização no território destas intenções tornaram visíveis a aplicação de uma nova concepção de área monumental na zona Ajuda-Belém, suportada na ideia de afirmação do valor monumental deste conjunto.

Por último, o trabalho procurou dar sequência às grandes opções de natureza conceptual que foram definidas através de um desenvolvimento de detalhe de um objecto arquitectónico e do contexto urbano em que se insere, no caso o Museu Nacional dos Coches. Como se verificou, este equipamento cultural tem actualmente um peso significativo na estrutura urbana da área monumental Ajuda-Belém, dada a particularidade das peças que apresenta e a projecção internacional e interna que lhe é conhecida, mas que no entanto apresenta grandes limitações físicas que justificaram desde logo a construção de um novo Museu. Esta intervenção teve como necessidade uma adequação do edifício a todo o espólio da colecção, e uma maior afirmação e integração na composição global da área monumental. Para efeito, optou-se pela realocação do mesmo, desenhando a nascente o remate da Praça do Império, e por uma nova lógica expositiva mais abrangente e articulada com a forma arquitectónica do novo Museu.

Em suma, estabeleceram-se princípios conceptuais que permitem compreender o funcionamento de uma área monumental, e que podem servir de referência para uma eventual aplicação prática ao nível destes espaços urbanos da cidade.

(10067 Palavras)

7 BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Carlos António Leite. *Monumentalidade e cotidiano: a função pública da arquitetura.* mdc . revista de arquitetura e urbanismo. 2006.

CASTEL-BRANCO, Cristina. *Jardim Botânico da Ajuda.* Lisboa : Castel-Branco, Cristina, ed., 1999.

CASTRO, Augusto de. *Guia da Exposição do Mundo Português.* Lisboa: [s.n.], 1940.

CHAROLA, Elena coord. A. *Torre de Belém : intervenção de conservação exterior.* Lisboa : IPPAR, 2000.

CHOAY, Françoise. *Alegoria do Património.* s.l. : Edições 70, 2008.

FERRAMACHO, Hugo da Silva. *Belém: evolução urbanística e caracterização arquitectónica.* Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2007.

GIEDION, Siegfried. *Arquitectura e Comunidade.* Lisboa: Livros do Brasil, s.d. Tradução do original: *Architektur und Gemeinschaft*, Hamburgo, 1956.

Lisboa, Arquivo Municipal. *Bellem/Belém: reguengo da cidade.* Lisboa: 2ª ed, Edições Asa, 1998.

RIEGL, Aloïs. *Le culte moderne des monuments: Son essence et sa genèse.* Paris: Éditions du Seuil, 1984.

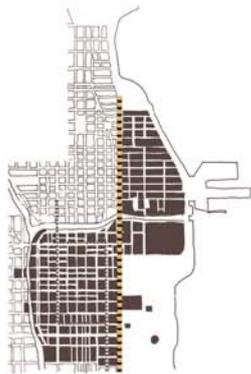
RODRIGUES, Cristiane. *Cidade, Monumentalidade e Poder.* In Geographia. Revista da Pós-Graduação de Geografia – UFF. Rio de Janeiro, Ano 3, n.º 6, Dezembro, 2002

SERT, J L, GIEDION, S e LÉGER, F. *Nine Points on Monumentality.* The Harvard Architecture Review . Vol. IV, Monumentality and the City.

ANEXOS

AREA MONUMENTAL

Cidades



Planta de Chicago - Eixo Monumental



Planta de Bilbao - Área Monumental



Planta de Viena - Área Monumental



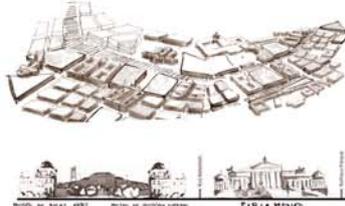
Planta de Toledo - Percursos Monumental



Prospectiva do Eixo Monumental de Chicago



Prospectiva e Perfil da Área Monumental de Bilbao



Prospectiva e Perfil da Área Monumental de Viena



Prospectivas geral da cidade e de alguns elementos Monumentais de Toledo

...um eixo

...um elemento

...uma área

...um percurso

BERLIM CHICAGO BRASILIA LONDRES BILBAO MARSELHA LUR TÓQUIO VIENA TURIM BRUGES PARIS TOLEDO ATENAS

AREA MONUMENTAL

FAZ PARTE DE UM TODO

ESPAÇO DE IMPACTO

IMPACTO FUNCIONAL

FUNÇÃO COMUM

- Espaço Público
- Comércio
- Serviços
- Habitação

FUNÇÃO CULTURAL

- Exposições
- Bibliotecas
- Museus
- Universidades

FUNÇÃO GOVERNAMENTAL

FUNÇÃO SIMBOLICA

FUNÇÃO RELIGIOSA

IMPACTO VISUAL

LOCALIZAÇÃO

MORFOLOGIA

HISTÓRIA

ARQUITECTURA

RELIGIÃO

ESCALA

GEOMETRIA

PAISAGEM

ESTÉTICA

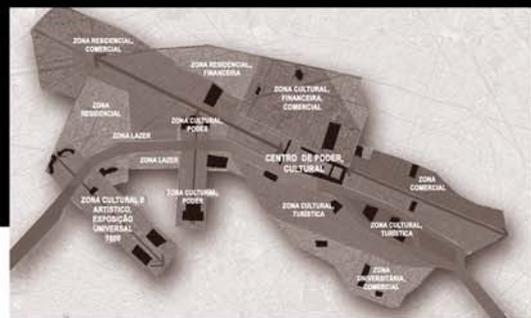
IMPACTO SOCIAL

PESSOAS QUE VIVEM

PESSOAS QUE USAM

PESSOAS QUE VEÊM

DINÂMICA SOCIAL



Diversidade de funções no conjunto monumental



Localização da Acrópole de Atenas

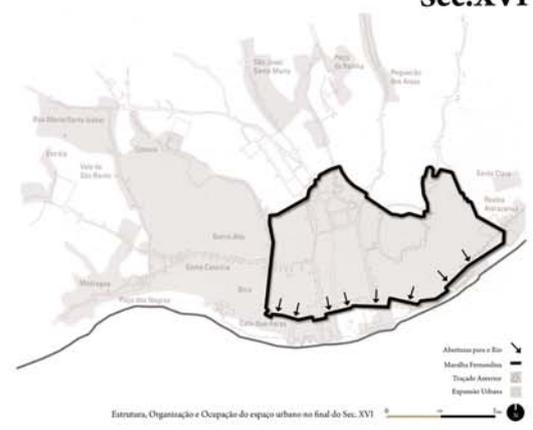
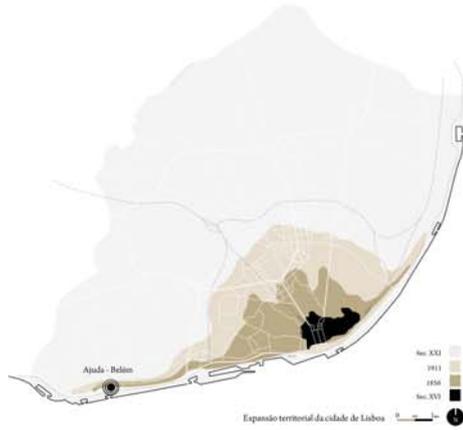


Interação das pessoas com o espaço monumental

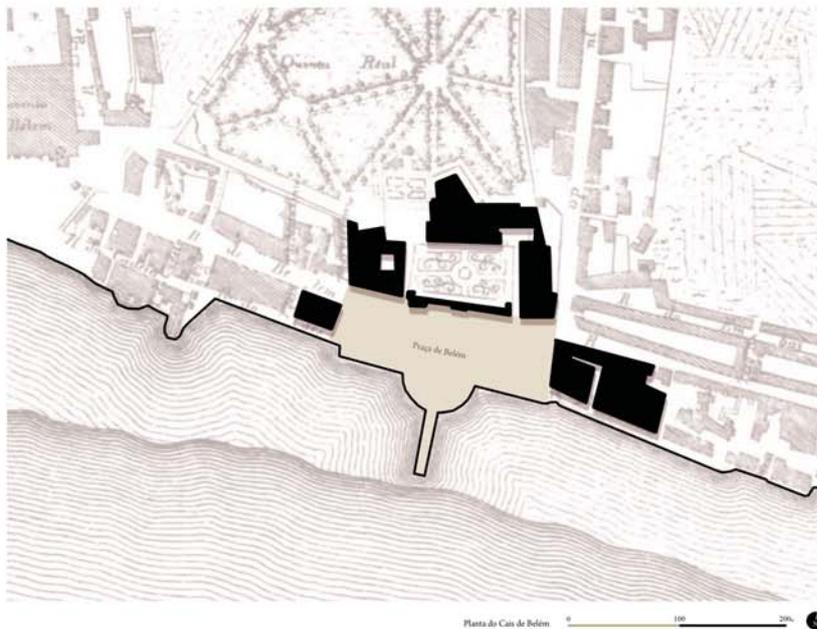
PARIS

ATENAS

BRUGES



Felipe Folque 1856



▲ Sec. XVI, Felipe Folque (1856) e Proposta de Intervenção

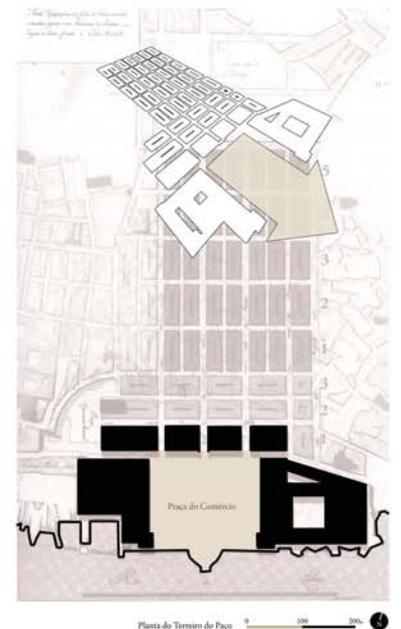
Lisboa beneficiou desde sempre das condições de navegabilidade e segurança oferecidas pelo estuário do Tejo que favoreciam a presença humana na área. A importância estratégica de Lisboa teve motivada a conquista da cidade por uma série de povos que procuravam desenvolver actividades comerciais por via marítima. Impôs esta forma, o processo de evolução territorial que esteve no origem da sua configuração actual. O Sec. XVI revela uma cidade medieval, numa clara adaptação do tecido urbano à topografia, donde se destaca a cerca fortificada que ainda hoje está pontualmente presente. O ano de 1856 mostra por um lado, uma expansão em direcção a norte, em seja, um crescimento do centro, e por outro, um desenvolvimento urbanístico muito significativo a Oeste (Belém). Entre dois momentos limitados são visíveis na medida em que a estrutura urbana estabelece um conjunto de relações muito diversificado com o Rio Tejo. Em relação ao Sec. XVI a malha formadora apresenta uma série de aberturas (Portas) que permitiam um enquadramento muito particular com o rio. A planta elaborada por Felipe Folque em 1856, mostra por outro lado uma relação directa entre os casos e o rio, assim como grandes aberturas para o rio associadas a edifícios marcantes em contraste com as pequenas aberturas que se apresentam entre os casos, definindo assim uma linha de costa irregular. Estes são os elementos que contribuíram para a construção de uma lógica de intervenção para a zona de Belém, com um sistema de vistas diversificado e heterogéneo.

◀ Casa de Belém

A zona da Casa de Belém é o reflexo da proximidade do canal ao plano de água, e consequentemente da grande abertura que resulta da intercepção do mesmo, associada ao Palácio do Conde de Aveiras, dando origem a um espaço de lazer e contemplação.

▶ Terreiro do Paço

A zona do Terreiro do Paço é um exemplo particular de enquadramento perfeitamente definido com o rio, uma vez que mantém a mesma estrutura ao longo dos anos ao contrário do que acontece com grande parte dos espaços que perdem a relação por força dos mesmos que são sendo construídos.



Silva Pinto 1904-1911



▲ Silva Pinto, 1904-1911
 No sequência do processo de evolução territorial da cidade de Lisboa, a planta de Silva Pinto de 1904-1911 dá conta de profundas alterações em grande parte da frente ribeirinha, onde se inclui a zona de intervenção (Belém). A construção dos aterros teve no plano duas alterações levando a uma nova configuração de Lisboa de costas, muito mais regular que a anterior. Se por um lado se ganhou espaço em relação ao rio, também não é menos verdade que promoveu um distanciamento maior em relação à estrutura edificada que anteriormente era valorizada pela presença deste. A actualidade e um compreensível deste facto, visto que o referido distanciamento se foi acentuando ao longo dos anos.

► Exposição do Mundo Português, 1940. Belém monumental
 A Exposição do Mundo Português de 1940 foi um evento realizado em Lisboa à época do Estado Novo com o propósito de comemorar os 400 anos da Fundação do Estado Português e da Restauração da Independência. O evento levou a uma completa reorganização urbana da zona ocidental de Lisboa. A sua praça central dos orgãos é a Praça do Império. A maioria das edificações foi demolida ao seu término, restando apenas algumas como o actual Museu de Arte Popular e o Monumento aos Descobrimentos. A monumentalidade que hoje encontra nesta zona teve a sua afirmação precisamente nesta exposição. A proposta de intervenção faz presente das linhas que estruturam este espaço para dar origem a enquadramentos particulares sobre o rio.

Zona de Aterro de Belém ao Casal do Sodré

Frente do Arco da Rua Augusta - Praça do Comércio

Exposição do Mundo Português 1940

A AFIRMAÇÃO DA ÁREA MONUMENTAL DE BELÉM



Planta da Exposição do Mundo Português



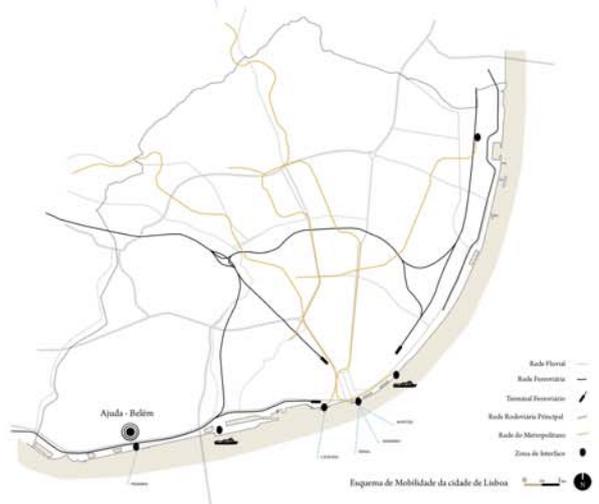
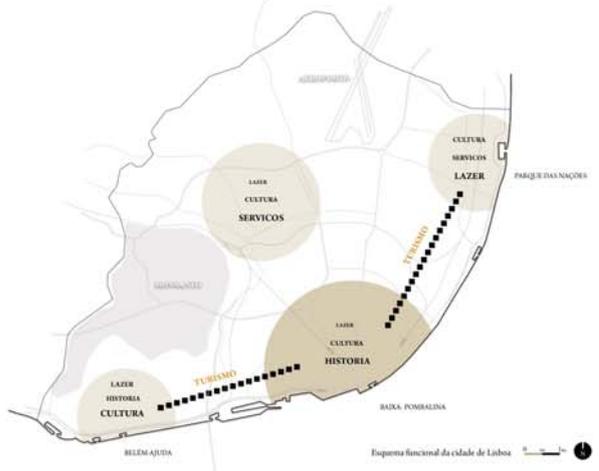
Vista sobre alguns dos edifícios que compõem a Exposição



Vista aérea da Exposição



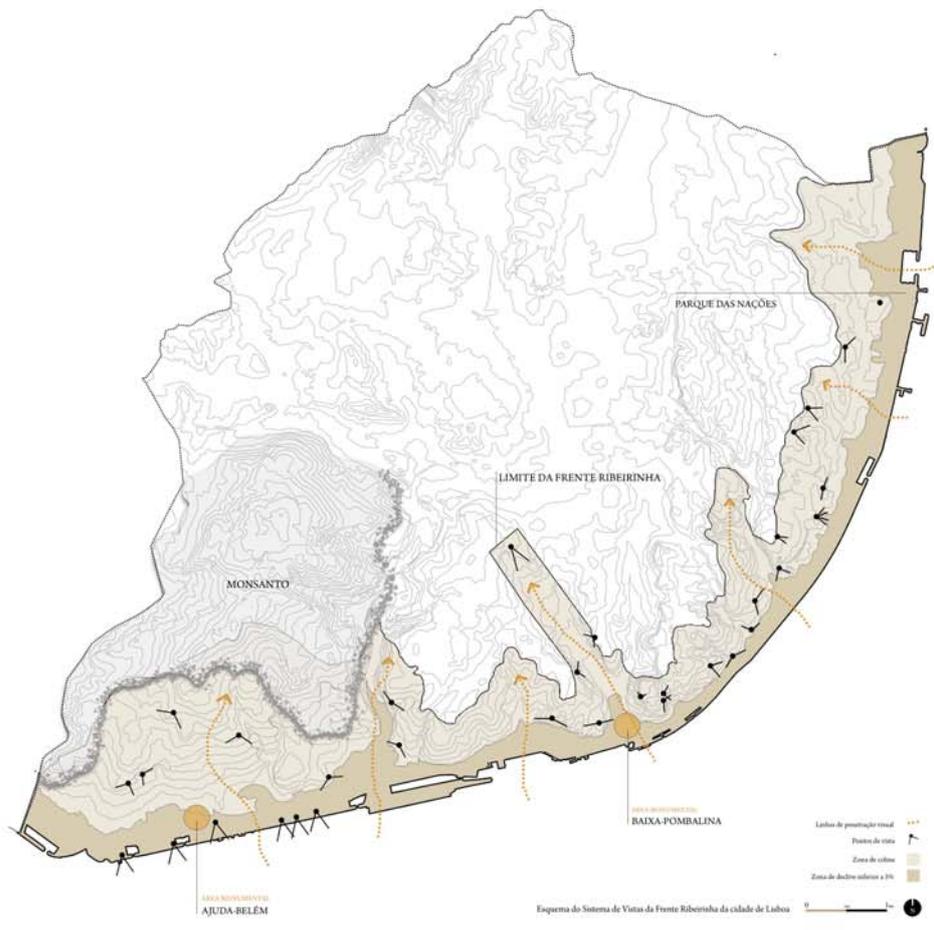
Vista sobre a Praça do Império



- Rede Florestal
- Rede Ferroviária
- Rede Rodoviária
- Rede Rodoviária Principal
- Rede do Metroropolitano
- Zona de Interface

Lisboa, as colinas e o tejo

Sec. XXI



- Linhas de penetração visual
- ▲ Pontos de vista
- Zona de colinas
- Zona de declive inferior a 5%



Vista do miradouro de S. Catarina

Vista sobre a Ponte 25 de Abril

Vista do Parque Eduardo VII

Vista da Rua do Alecrim

Vista da Rua S. Domingos à Lapa

Vista de Alfama

Vista da Calçada da Bica

AREA MONUMENTAL

Ajuda|Belém



2001	LISBOA	SUDOESTE	AJUDA	SM-BELÉM	S.E.XAVIER
Área (ha)	8.662	452	285	337	230
Freguesias	33	3	1	1	1

USOS E EQUIPAMENTOS

Residências	566.657	55.813	17.958 (7/33)	8.756 (11/33)	8.101 (27/33)
Famílias	234.451	14.857	7.475 (4/33)	4.007 (12/33)	3.575 (28/33)
Edifícios Habitacionais	56.279	6.217	3.234 (1/33)	1.894 (9/33)	1.039 (20/33)
Alugamentos	393.182	17.724	9.082 (9/33)	4.945 (13/33)	3.791 (28/33)

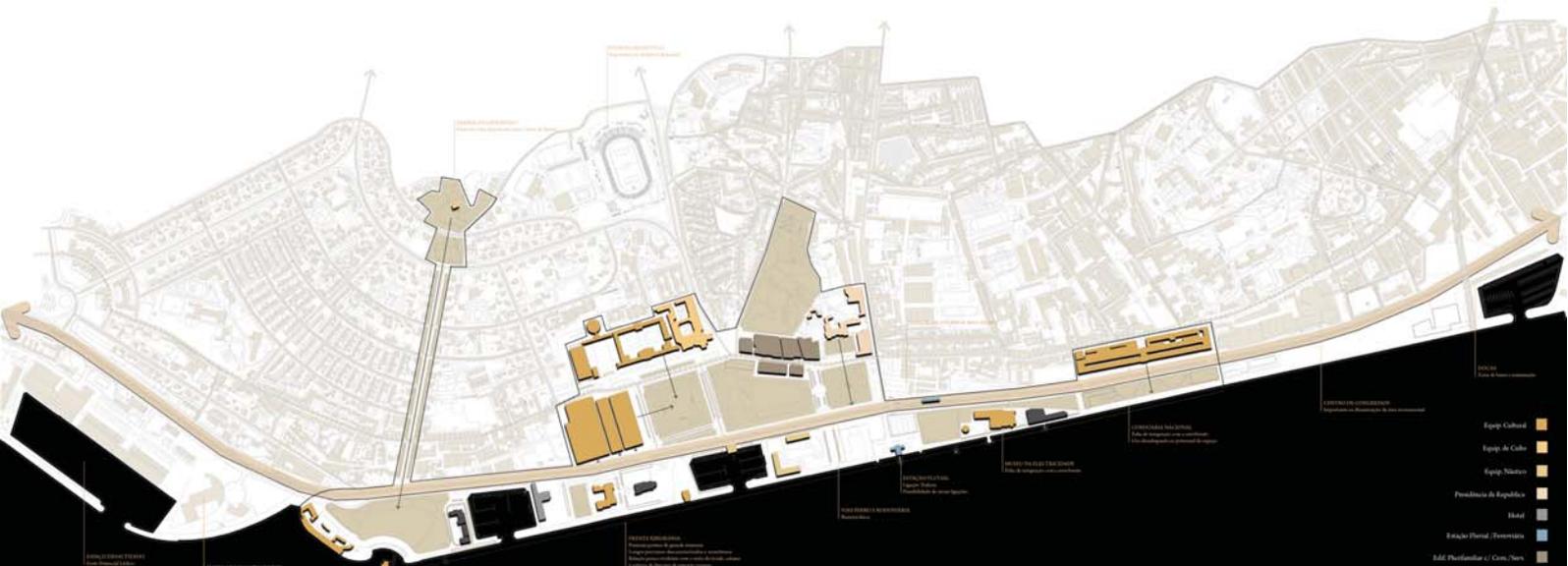
INDICADORES

Residências por ha	66,7	127,2	63,0 (34/33)	26,0 (32/33)	35,3 (40/33)
Famílias por ha	26,8	32,8	11,3 (20/33)	5,8 (42/33)	4,3 (40/33)
Alugamentos por ha	44,8	42,7	31,9 (30/33)	14,7 (13/33)	16,3 (32/33)

Dados gerais da Cidade de Lisboa (2001), Instituto Nacional de Estatística



Planta de localização da Área Monumental principal e do Polo secundário da Ajuda enquadrados pelo Rio Tejo e Colina

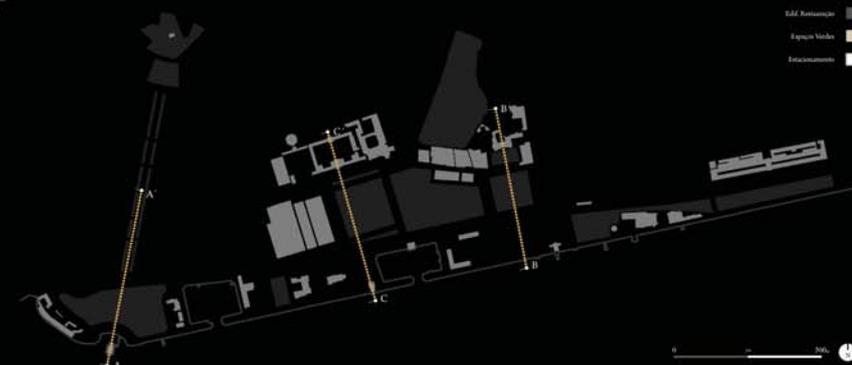


Planta da estrutura urbana e organização funcional da Área Monumental Ajuda | Belém com tecido envolvente



QUADRO SÍNTESE - ÁREA MONUMENTAL - AJUDA|BELÉM

SUPERFÍCIE GLOBAL (ha)	92,77
AD TOTAL (m2)	34.336,07
SUPERFÍCIE DE EQUIPAMENTOS (m2)	166.136,36
SUPERFÍCIE DE PASSAROS/VIAS (m2)	407.363,25
SUPERFÍCIE DE ESPAÇOS VERDES (m2)	2.477.030,91
SUPERFÍCIE DE ESTACIONAMENTO (m2)	22.236,50
Nº DE LUGARES DE ESTACIONAMENTO	1334 (Automóveis) / 171 (Autocarros)

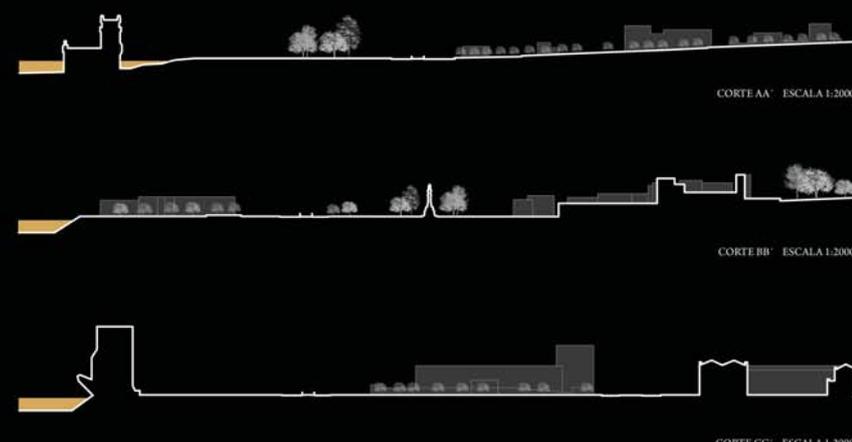


Dicotomia social existente na Área Monumental Ajuda | Belém



► Área Monumental Ajuda | Belém

A área monumental Ajuda | Belém possui de forma incontestável um conjunto muito rico e diversificado de elementos que marcam a história e identidade do site num contexto muito característico da cidade de Lisboa, entre o Rio Tejo e a Colina. É no âmbito desta diversidade que se torna possível atingir a definição de área monumental, uma vez que estes se alternam num plano individual que colectiva, pela sua presença histórica, arquitectónica, religiosa, etc. Desta facto se desprende que o espaço que resulta entre eles não é proporcional ao seu valor. Esta é uma dificuldade que deriva essencialmente da actuação que apresenta, no sentido da falta de acontecimentos que vão além destes elementos de grande interesse que surgem pontualmente, levando-nos a preservar grandes distâncias pouco estruturadas para o utilizador. A presença do Rio situa em certa medida esta noção, quando na verdade deveria ser potenciada a relação com o núcleo urbano. Por outro lado, existem situações de grande actuação como é o caso dos quarteirões Vinte Portuense que acionam um conjunto de funções fundamentalmente comerciais muito atractivas para o utilizador. Alado a isto está inevitavelmente ao rio mar e ferroviária que interligam directamente com a leitura do espaço urbano. Concretamente ao nível do território foi definida uma área monumental principal, localizada precisamente na charmeira entre o Rio Tejo e a Colina e uma área monumental secundária que contempla o Palácio da Ajuda e o Jardim Botânico, elementos de forte ligação visual com a área monumental considerada principal. Esta definição de área monumental só faz sentido tendo presente o Rio Tejo e a Colina.



CORTE AA - ESCALA 1:2000

CORTE BB - ESCALA 1:2000

CORTE CC - ESCALA 1:2000



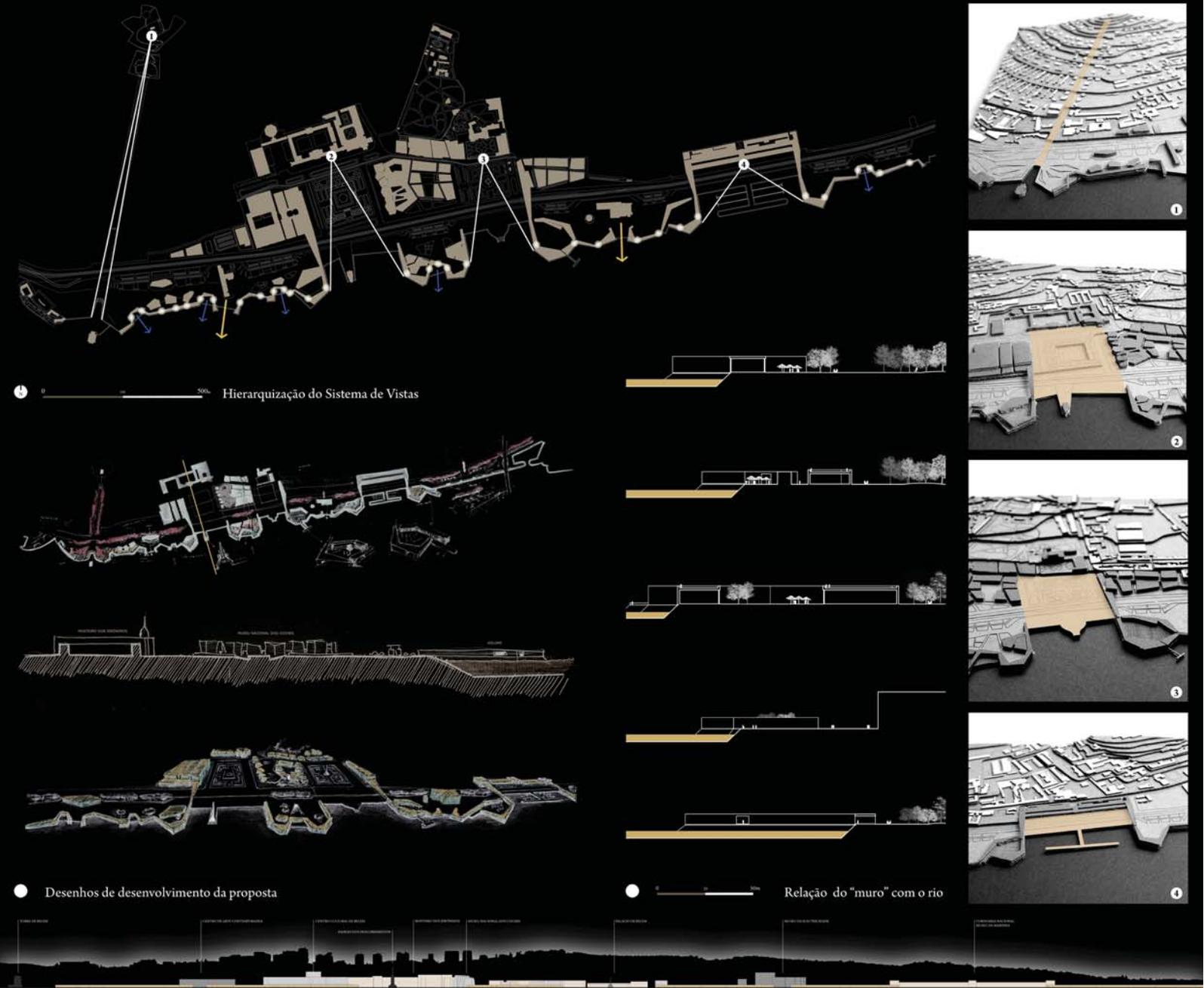
Plano de Estrutura



A grande opção para a Área Monumental Ajuda Belém. A grande opção do plano passa pela construção de uma "muralha" permeável na área monumental, apoiada no seu valor de memória e em referências históricas de estruturação do tecido urbano do século XIX, evidentes em imagens e bases cartográficas da época. Trata-se portanto de um volume que preserve integralmente grande parte da frente ribeirinha salvo alguns momentos de excepção. Estes momentos foram hierarquicamente definidos em detrimento do valor dos edifícios ou espaços em quantias reduzidas ao longo da frente ribeirinha, como forma de manter pontualmente a proximidade ao rio. Em síntese, trata-se de "memória" permeável e "substância" que coexistam com toda a área monumental, mas a aliar à história e diferentes níveis na proximidade do volume ao rio na irregularidade que o contexto à custa a sua relação visual que se estabelece.

ESCALA 1:5000 Planta de Apresentação

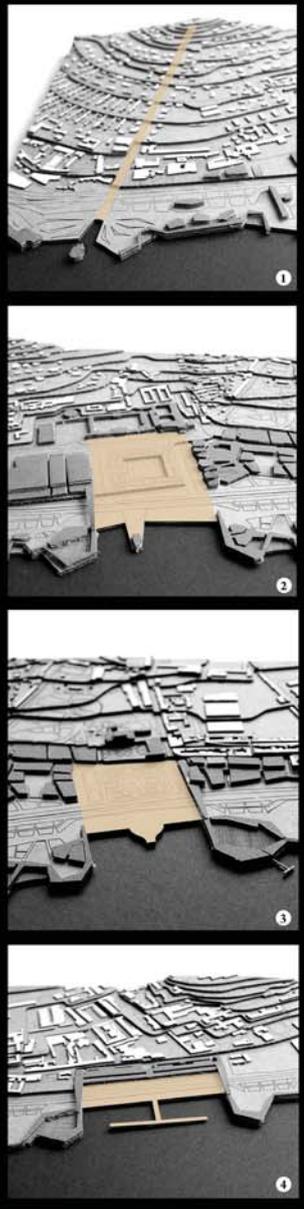
...ideia



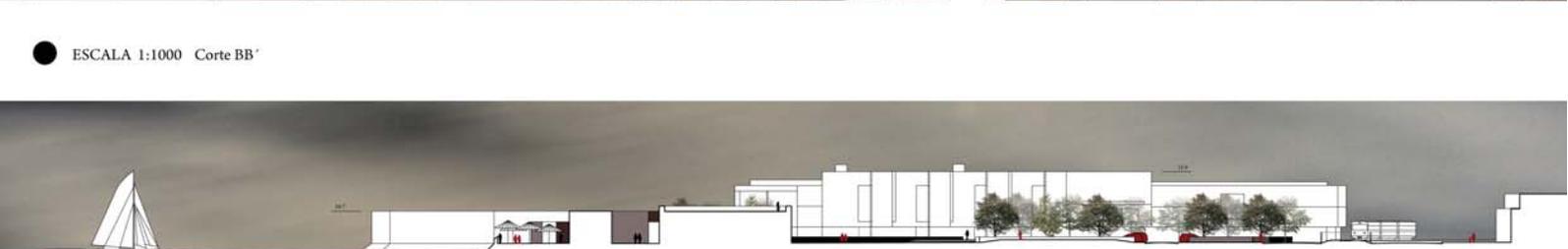
Hierarquização do Sistema de Vistas

Desenhos de desenvolvimento da proposta

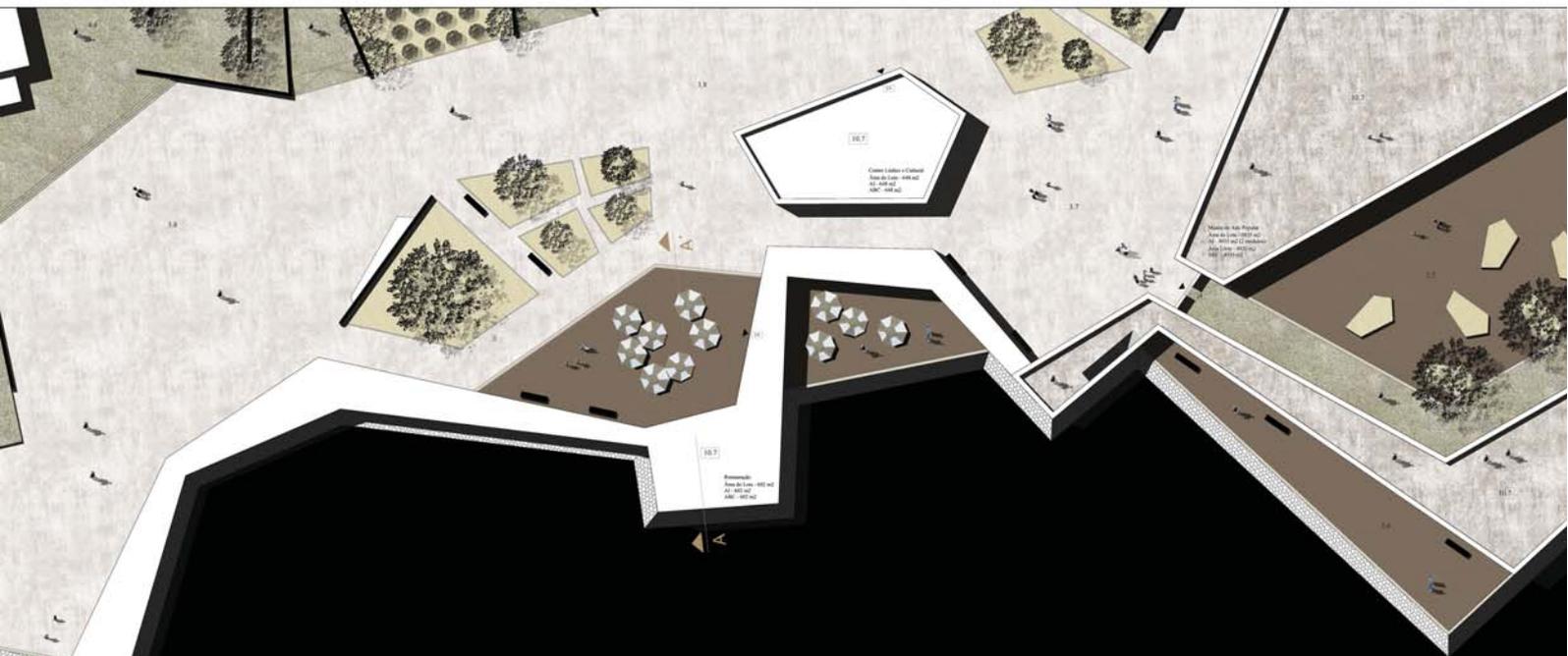
Relação do "muro" com o rio



Plano de Detalhe 1



Plano de Detalhe 1



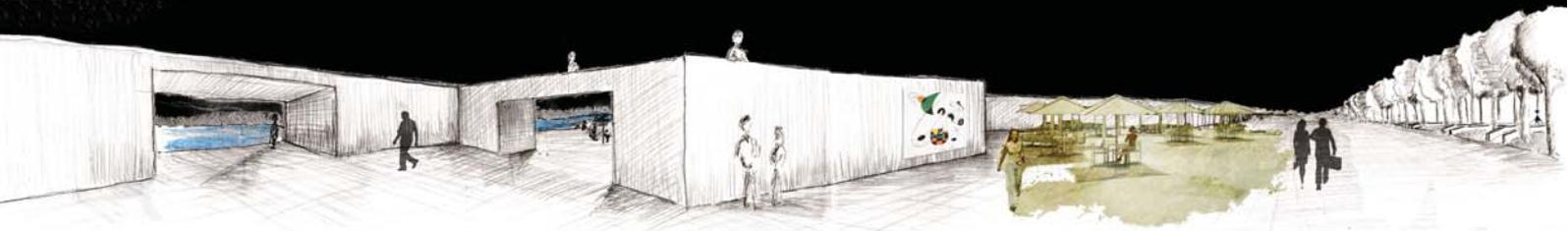
ESCALA 1:500 Planta de Apresentação

- LAJITAS DE BÉLEM
- PIEDRA LIZA
- CALÇADA PORTUGUESA
- BEIÇA

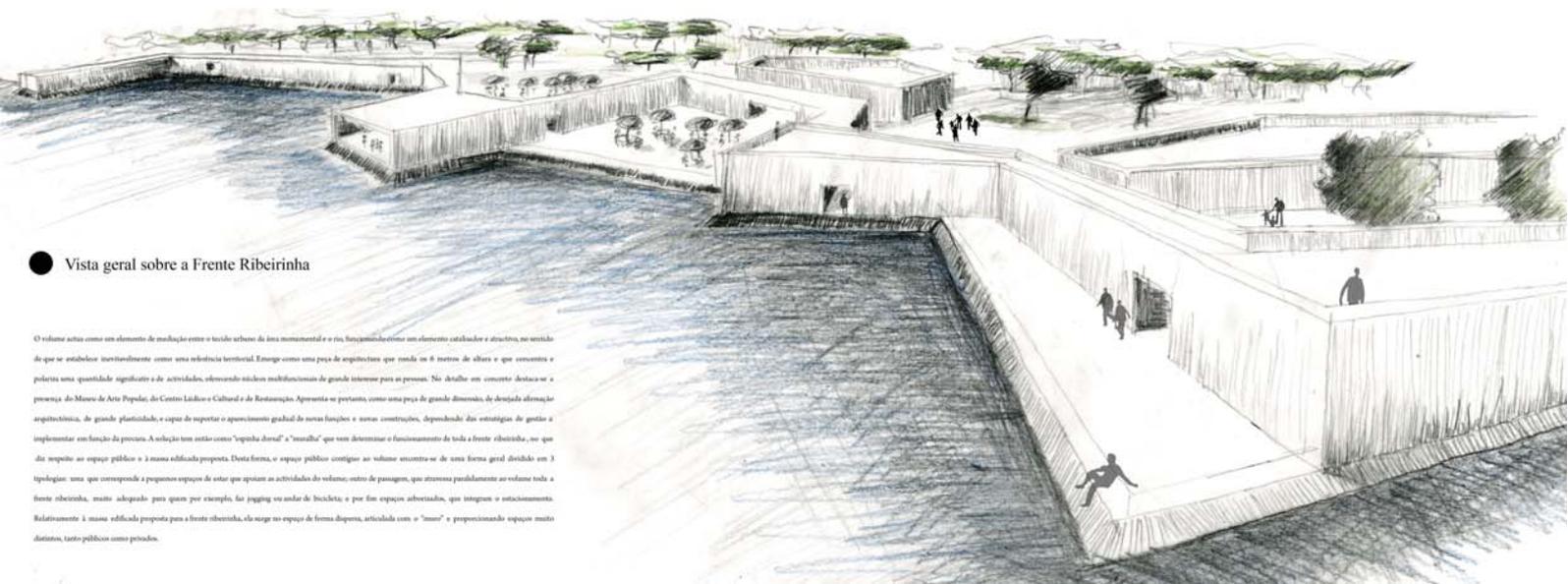


ESCALA 1:100 Corte AA'

● Perspectiva do interior da "muralha"

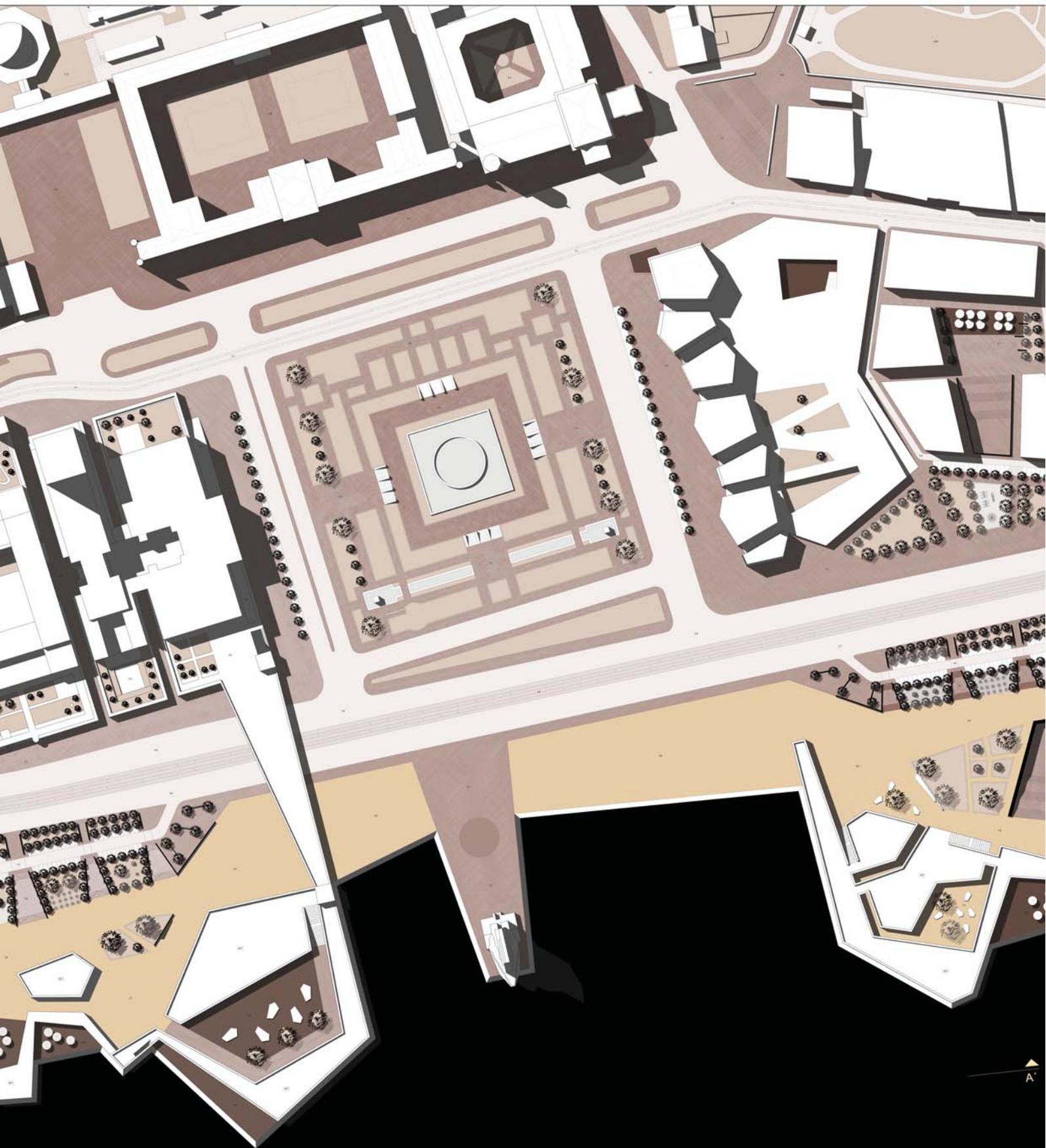


● Vista geral sobre a Frente Ribeirinha



O volume actua como um elemento de mediação entre o tecido urbano de linha monumental e a rua, funcionando como um elemento catalizador e atractivo, no sentido de que se estabelece invariavelmente como uma referência territorial. Emerge como uma peça de arquitectura que remete os 6 metros de altura e que concentra e polariza uma quantidade significativa de actividades, oferecendo núcleos multifuncionais de grande interesse para os peões. No âmbito em concreto destaca-se a presença do Museu de Arte Popular, do Centro Lábica e Cultural e da Restauração. Apresenta-se portanto, como uma peça de grande dimensão, de elevada afirmação arquitectónica, de grande plasticidade, e capaz de suportar o aproveitamento gradual de novas funções e novas construções, dependendo das estratégias de gestão a implementar em função da procura. A solução tem então como "opção dorsal" a "muralha" que vem determinar o funcionamento de toda a frente ribeirinha, no que diz respeito ao espaço público e à massa edificada proposta. Desta forma, o espaço público contíguo ao volume encontra-se de uma forma geral dividido em 3 tipologias: uma que corresponde a pequenos espaços de estar que apoiam as actividades do volume; outro de passagem, que atravessa paralelamente ao volume toda a frente ribeirinha, muito adequada para quem por exemplo, faz jogging ou andar de bicicleta; e por fim espaços abastecidos, que integram o estacionamento. Relativamente à massa edificada proposta para a frente ribeirinha, ela surge no espaço de forma dispersa, articulada com o "marco" e proporcionando espaços muito distintos, tanto públicos como privados.

Plano de Detalhe 2

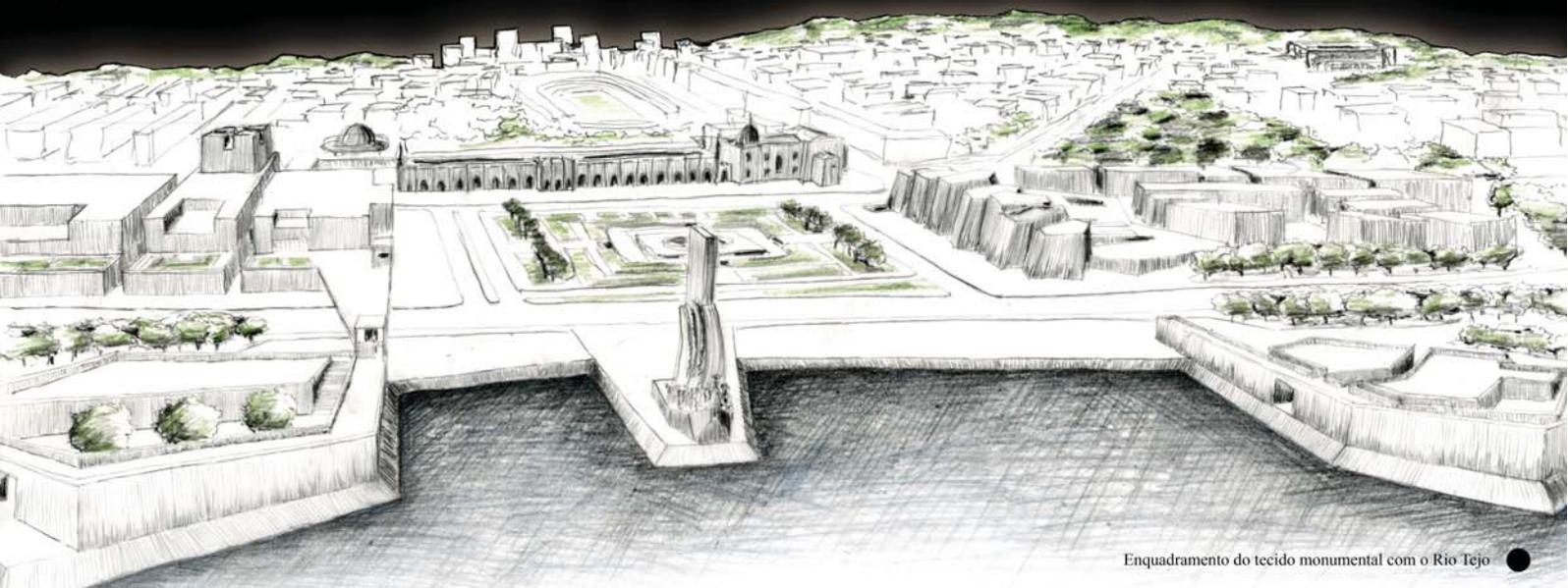


ESCALA 1:1000 Planta de Apresentação

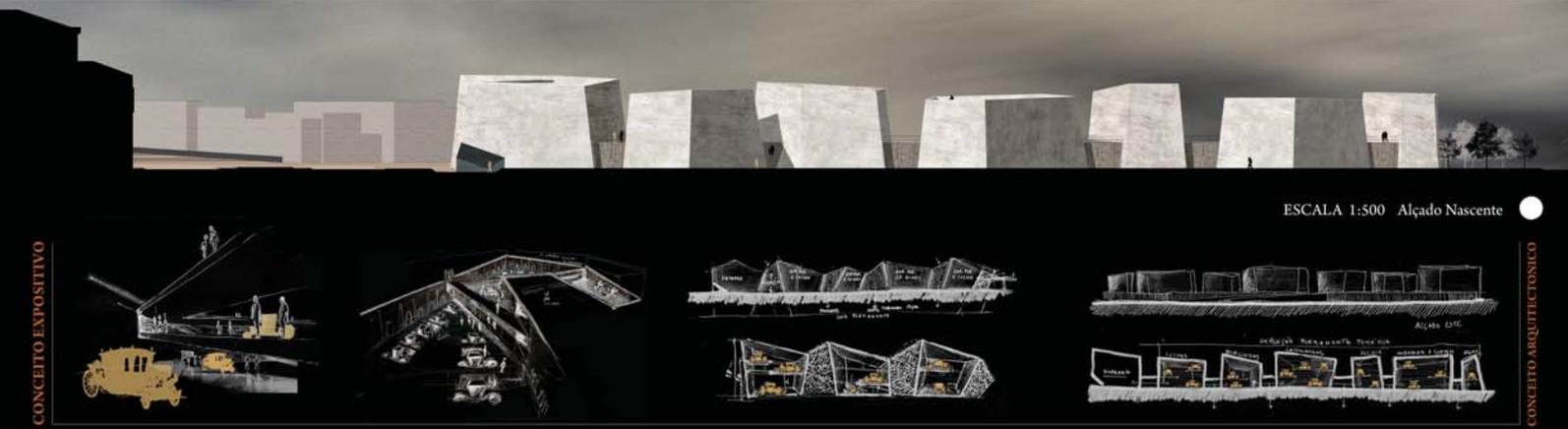


ESCALA 1:1000 Perfil AA'

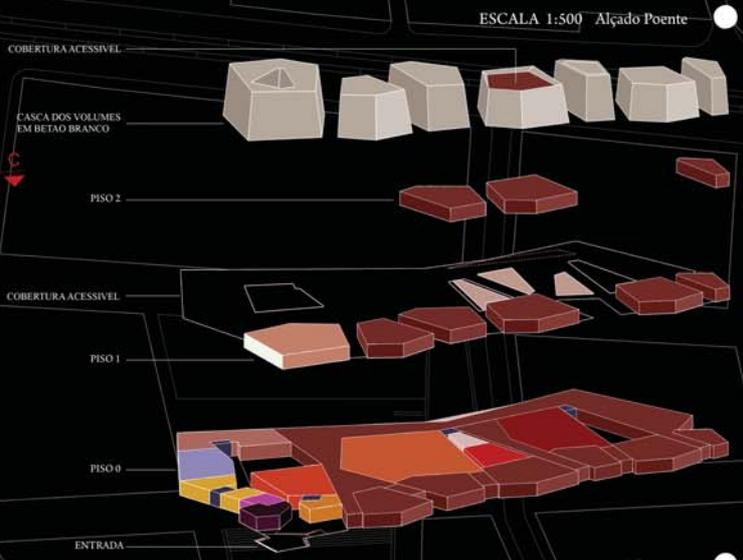
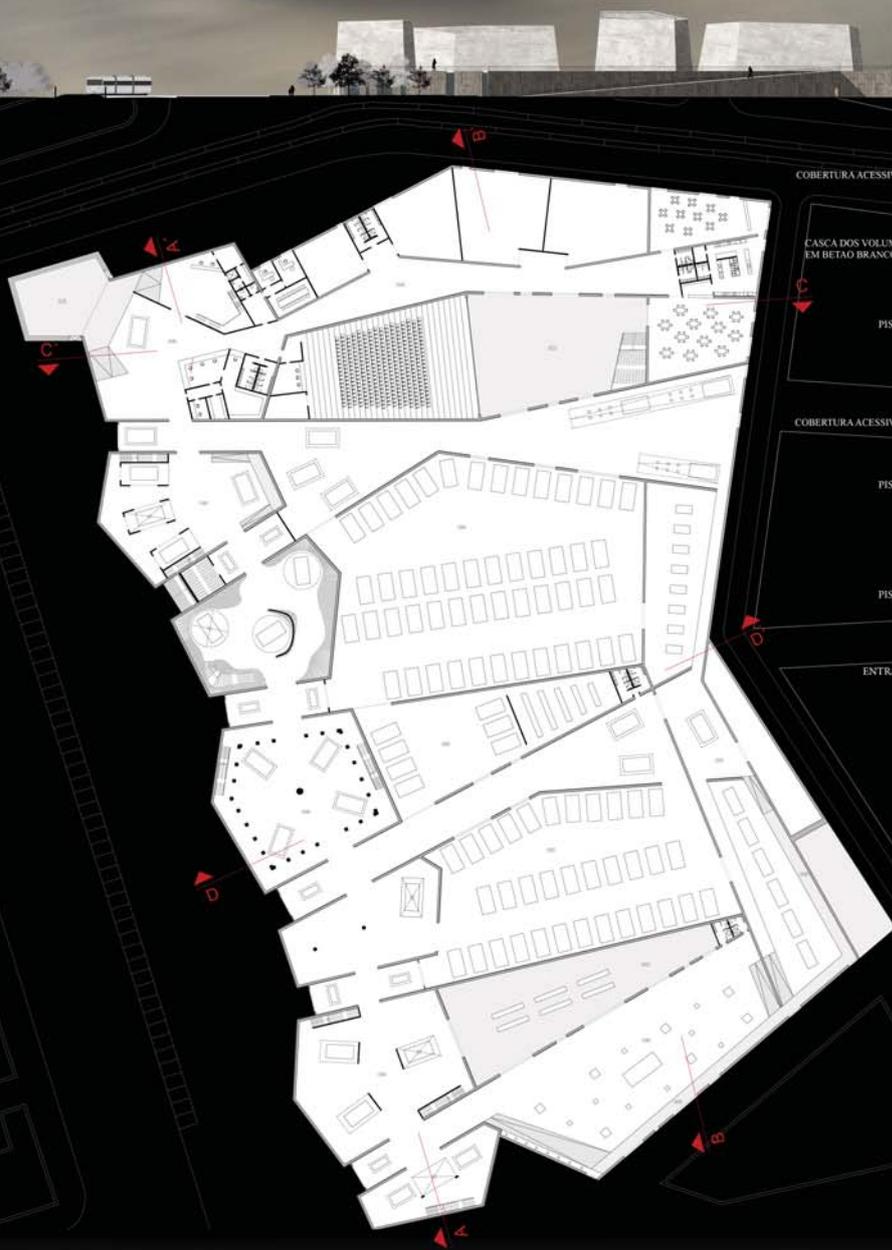
Plano de Detalhe 2



Museu Nacional dos Coches



Museu Nacional dos Coches



Organização espacial do Museu

A proposta do novo Museu Nacional dos Coches passa e assumir um papel de museu impulsionador na área monumental, de renovação da Praça do Império, compreendendo assim um pólo de grande atracção patrimonial e cultural, que compreende ainda o Centro Cultural de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos. Contribui ainda para a afirmação e hierarquização dos equipamentos culturais estabelecidos no plano para esta área monumental. O novo Museu faz ainda parte de um núcleo linear de construção que integra outra nova estrutura urbana fundamentalmente habitacional, articulada com os já consolidados quarteirões "Vozes Portuguesas". A materialização do projecto teve como ponto de partida a definição de um conceito expositivo, que procura ser mais do que uma forma de disponibilizar o "tesouro" patrimonial às pessoas, ou seja, considera a complexidade global do objecto (coche) e adapta-o ao espaço e ao visitante. Esta ideia pressupõe uma contradição entre a forma e a função do museu, entre o espaço e o objecto. A aplicação do conceito expositivo reporta-se não para a concepção arquitectónica do novo Museu, onde a forma é indutora da organização funcional do edifício. O novo Museu é concebido por um conjunto importante de volumes desagregados e articulados que apresentam uma orientação específica, de renovação da Praça do Império, ligados a uma massa edificada mais tétrica com 1 piso de altura e com cerca de 14000m² de área, que contém programas patios interiores. Os 7 volumes do Museu ocupam uma área de 4310 m² com alturas variáveis que atingem no máximo 23 metros. Esta opção arquitectónica tem por base a definição do conceito expositivo, ou seja, criar espaços interiores de contacto, onde se desenvolvem os diferentes temas de exposição. A contrução de um embaixo-terra, decorreu da necessidade de capacitar o Museu de área suficiente para toda a sua colecção que tem cerca de 180 grandes peças.

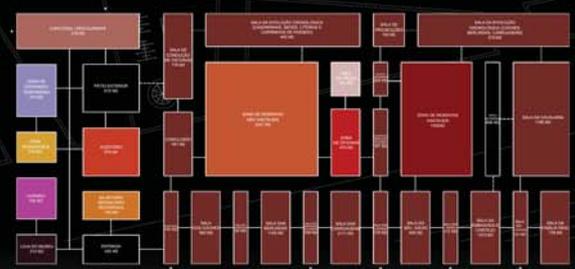
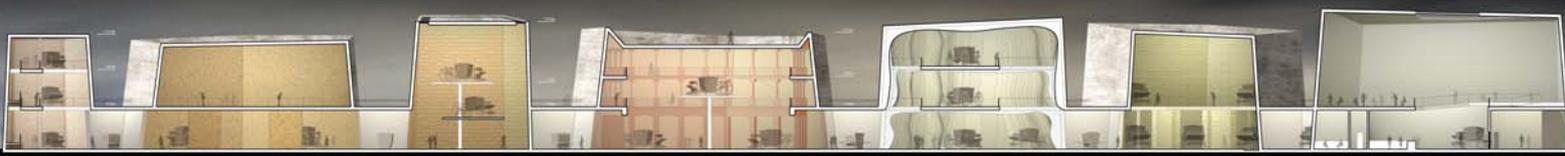
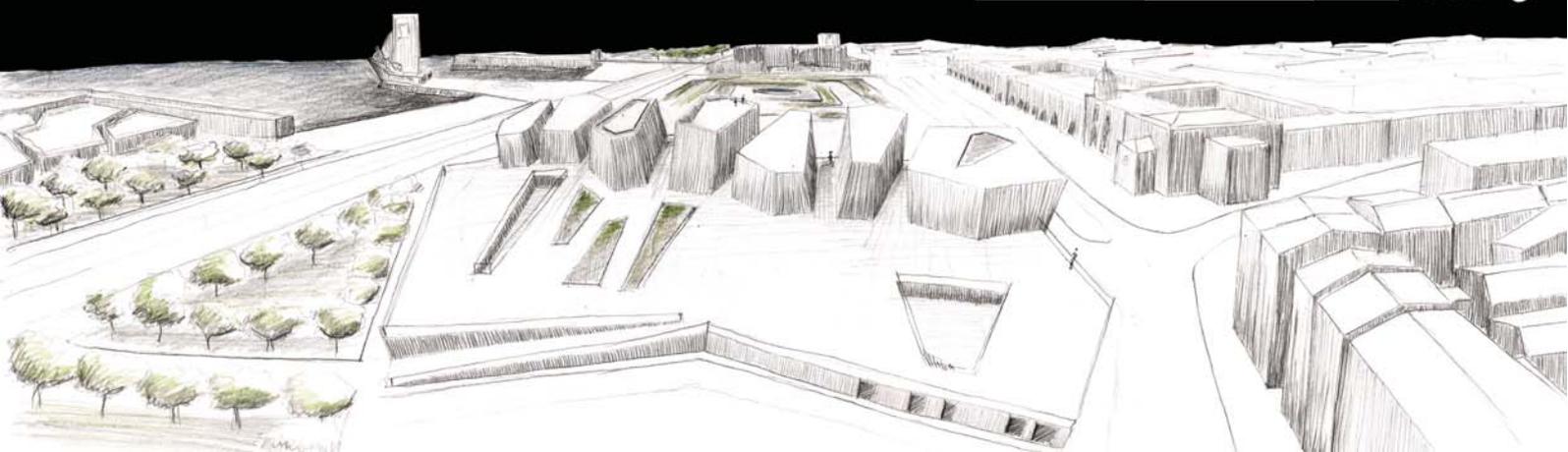


Diagrama funcional

ESCALA 1:500 Planta do Piso Têrreo



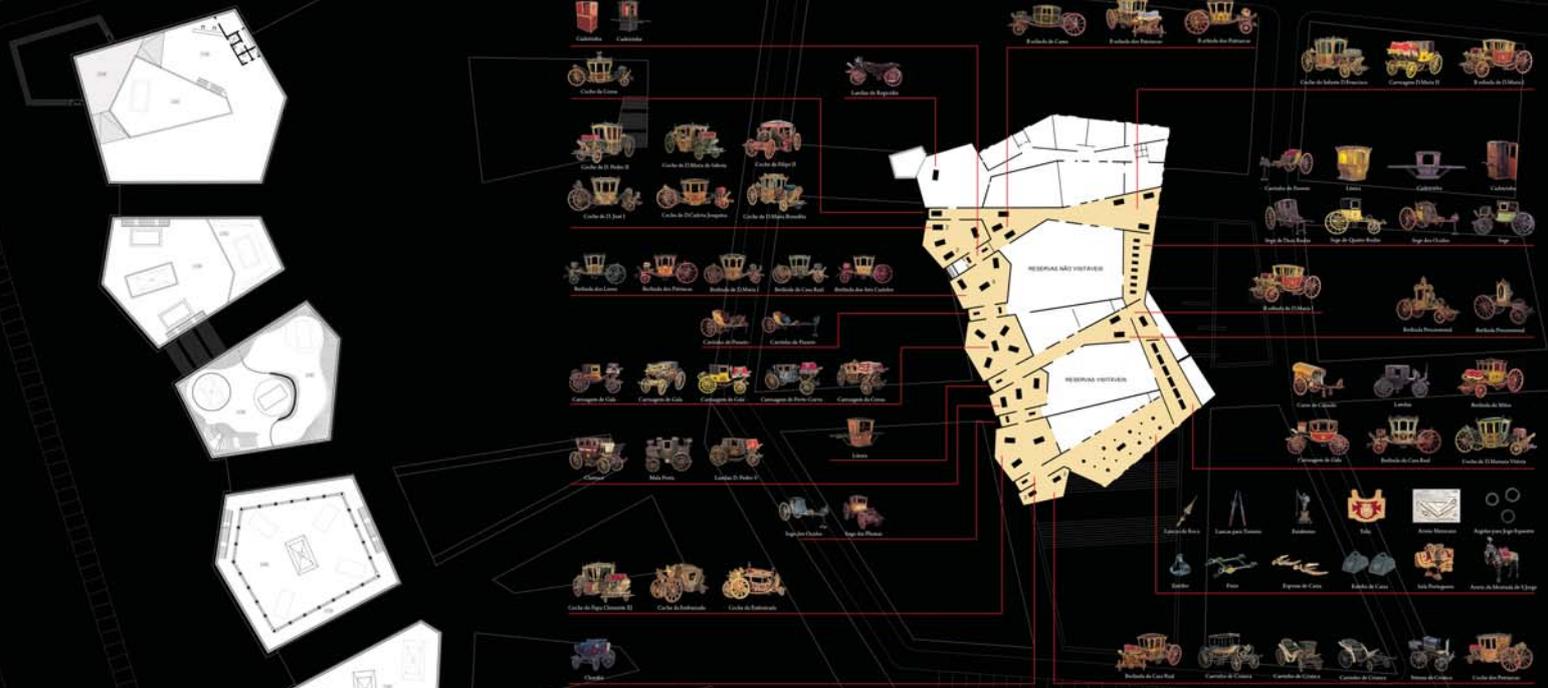
50 20 10 0 Corte AA'



Museu Nacional dos Coches

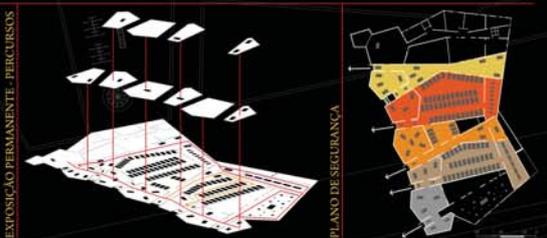


ESCALA 1:500 Alçado Norte



Peças em Exposição Permanente e Exposição Temporária de Longa Duração

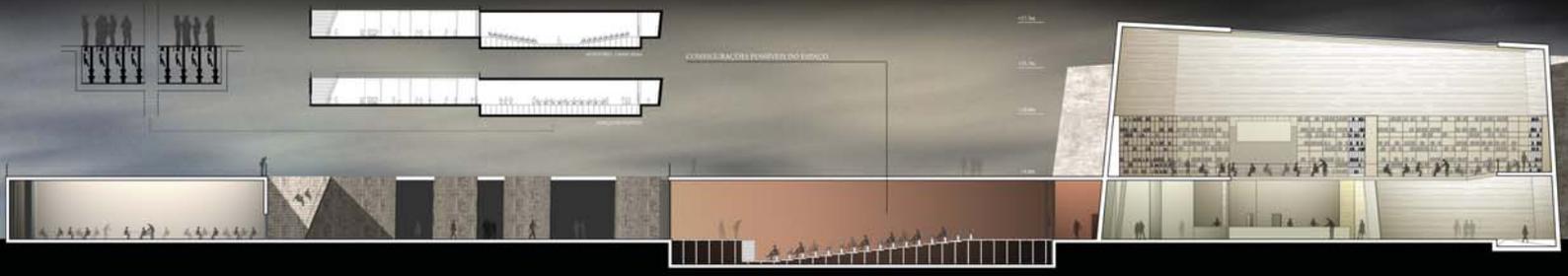
Assimilou os factos sobre os coches no planeamento do espaço e são visíveis pelas rampas, e aqui é apresentada uma taxonomia, que seja, tanto possível, em si e coches e peças grandes diferentes (horizontal e verticalmente) e o resultado através de uma série de mapas possíveis propostos em múltiplos detalhes, como pelo contrário, o qual assume uma posição fixa levando a observar e analisar individualmente o objecto através de pequenas imagens por si só. O conceito combina-se aqui com a criação de ambientes expostos e para os coches dependendo da taxonomia que se pretende expor. Inquire, apresentar alguns dos temas possíveis de serem exibidos em ambientes construídos para o efeito e sempre os materiais, os objectos, as estratégias, as artes decorativas, as heranças, as estratégias, e a família real. Esta consiste em apresentar e em dois aspectos mais representativos dos seus Museus, que no entanto, ainda, que não foram mais secundários, entre outros de exposição que se complementam. Uma vez que a parte principal da exposição terá um carácter temporário de longa duração (bancos) por forma a estabelecer dois temas, temas se apresentam através dos materiais de peças em zonas de exposição permanente para que haja regularidade nos temas. Pretende-se que estes objectos não sejam um tipo de projectos, tendo partido das características do espaço para criar novas formas de contacto com o público. Estes grupos incluem, várias sugestões de colecção desde as artes plásticas, aos textos de historiografia, até fotografias e até mesmo aos materiais. A exposição admite ainda a possibilidade de se alargar de zonas de visita para conversação e restauração, de modo de reverter e até à zona de exposição temporária de curta duração (indivíduos 1 mês). Importa ainda salientar que a distribuição arquitectónica do Museu era em certa situação de emergência.



ESCALA 1:500 Planta Piso 1

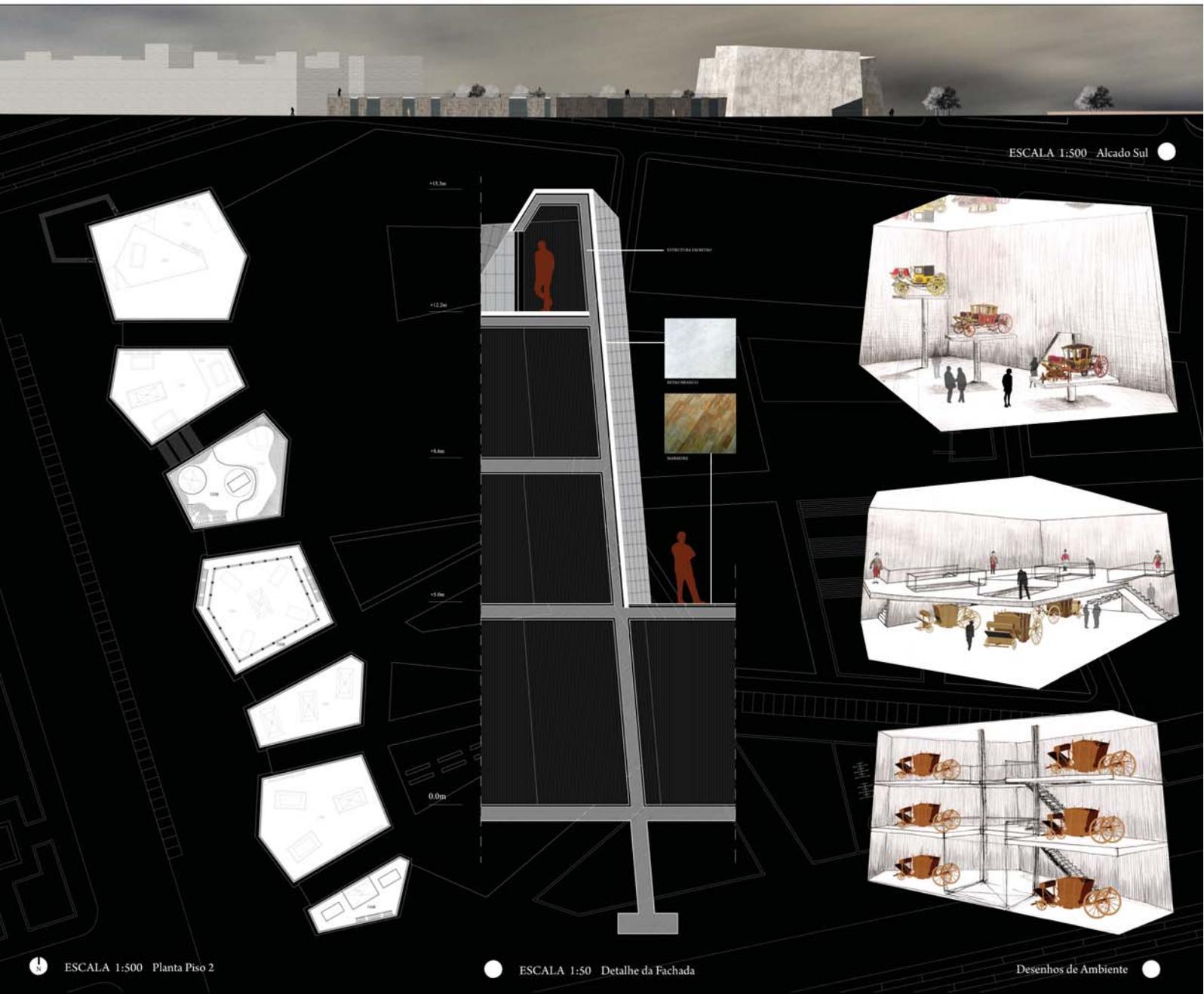


Corte BB'



ZONA DE ACESSO PÚBLICO ESCALA 1:200 Corte CC'

Museu Nacional dos Coches



ESCALA 1:500 Planta Piso 2

ESCALA 1:50 Detalhe da Fachada

Desenhos de Ambiente



ESCALA 1:200 Corte DD

